

A scenic view of a green lake surrounded by dense forest and mountains. The lake is in the foreground, reflecting the surrounding greenery. The mountains in the background are covered in thick forest and have a slightly hazy appearance. The sky is a clear, light blue.

Confissão Aceitável

F. T. Wright

CONFISSÃO ACEITÁVEL

F. T. WRIGHT

Título original em Inglês: Acceptable Confession (Terceira Edição, revista e alargada), (Julho 1973).

Este artigo é a transcrição da tradução do texto original efectuada em Portugal, com o título: Confissão Aceitável. (2018).



Quando não referenciado, as edições da Bíblia consultadas para a tradução desta obra foram:
João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil, edição de 1969, Brasília
João Ferreira de Almeida, Imprensa Bíblica Brasileira, edição de 1972, Rio de Janeiro
João Ferreira de Almeida, versão da Imprensa Bíblica Brasileira, edição de 1974, Rio de Janeiro

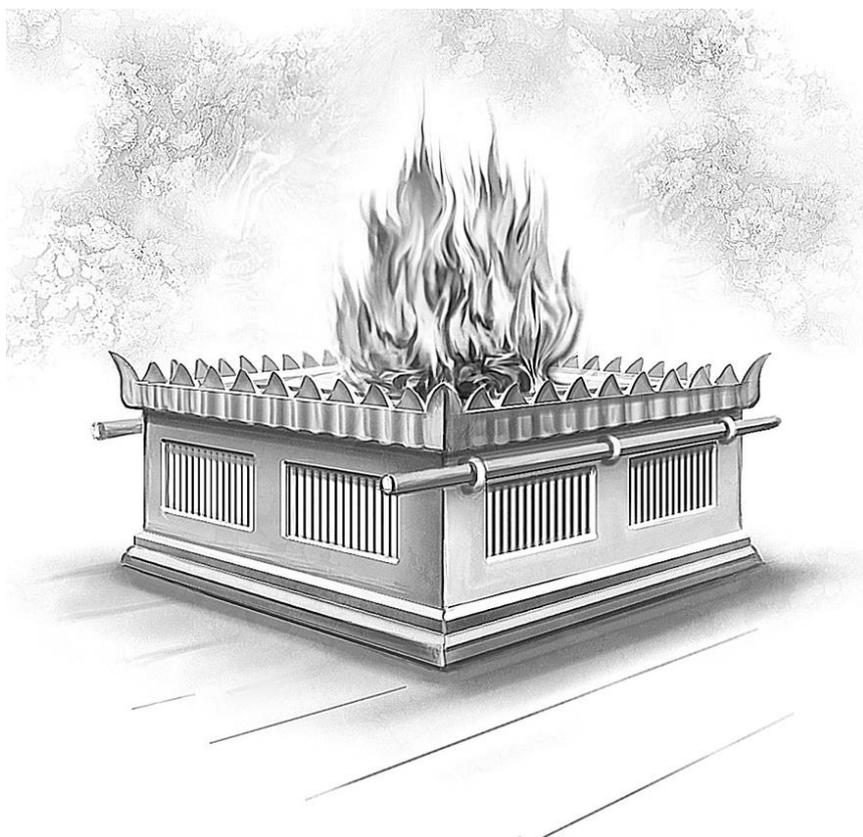


Ilustração da capa:

A ilustração da capa é das águas de uma lagoa na ilha de São Miguel, nos Açores. O arquipélago situa-se no nordeste do Oceano Atlântico. Toda a atmosfera da foto é de pureza. O brilho da luz do céu mesclado com o reflexo vivo do ambiente que rodeia as puras águas está isento de qualquer poluição. Os montes aparecem intocados e não deteriorados pelas mãos do homem, e no vasto reservatório das límpidas águas está um vasto potencial para purificar grande quantidade de impureza. Assim esta ilustração é em si mesma, um sermão no tema da purificação. Ela pretende transmitir ao leitor uma mensagem da natureza em harmonia com aquilo que está escrito no interior das páginas dos Escritos Sagrados.

Índice

Introdução	6
Confissões Inaceitáveis	7
A Reforma.....	17
No Santuário	21
No Altar	25
Tudo Isto à Luz do Julgamento.....	37
Sumário	43
APÊNDICE A.....	44
As Várias Ofertas Pelo Pecado	45
APÊNDICE B	47



Introdução

“Os que não humilharam ainda a alma perante Deus, reconhecendo sua culpa, não cumpriram ainda a primeira condição de aceitabilidade. Se não experimentamos ainda aquele arrependimento do qual não há arrepender-se, e não confessamos os nossos pecados, com verdadeira humilhação de alma e contrição de espírito, aborrecendo nossa iniquidade, nunca procuramos verdadeiramente o perdão dos pecados; e se nunca buscamos a paz de Deus, nunca a encontramos. A única razão por que não temos a remissão dos pecados passados, é não estarmos dispostos a humilhar o coração e cumprir as condições apresentadas pela Palavra da verdade. Acerca deste assunto são-nos dadas explícitas instruções. A confissão de pecados, quer pública quer privada, deve ser de coração, expressa francamente. Não deve ser obtida do pecador à força de insistência. Não deve ser feita de maneira negligente ou folgazã, nem extorquida dos que não reconhecem o abominável caráter do pecado. A confissão que é o desafogo do íntimo da alma, achará o caminho ao Deus de infinita piedade.” *Aos Pés de Cristo*, 37.

Confissões Inaceitáveis

De todas as vezes que vós, como professos cristãos, vos ajoelhais em oração, devia ser bem certo dizer que nessa oração fazeis uma confissão do pecado e suplicais o perdão desse pecado, ou desses pecados. Então levantai-vos dos vossos joelhos tendo a total garantia que Deus ouviu essa oração e o vosso pecado está perdoado.

E nada mais certo pode haver que Ele ouviu a vossa oração e perdoou os vossos pecados, *desde que* tenham sido satisfeitas as simples condições requeridas para a confissão *aceitável*. Mas, do mesmo modo, não pode haver nada mais certo do que Ele não vos perdoar se falhardes em cumprir todas as condições, mesmo que estejais sempre satisfeitos por terdes sido totalmente perdoados.

Estas declarações para alguns podem ser assustadoras, mas é ainda assim simplesmente sólida verdade bíblica. Acreditamos que é seguro dizer que, embora existam poucos que o compreendam, milhares de professos cristãos acreditam alegremente que todos os seus pecados estão perdoados, quando de facto nem todos estão perdoados, e enquanto se julgam livres de toda a responsabilidade deles, estão de facto ainda a carregar todo esse peso. Portanto, deve ser bem evidente que qualquer pessoa que viva nesta situação está numa posição de terrível perigo, porque, se bem que *pense* que está certa e segura da salvação de Deus, na realidade não tem tal segurança.

Somos advertidos na Palavra de Deus que “‘Enganoso é coração, mais do que todas as coisas, e perverso.’ Jeremias 17:9. Os que professam religião não estão dispostos a se examinarem intimamente para ver se permanecem na fé. *É um temível fato que muitos estão se apoiando sobre falsas esperanças.*” *Testimonies* 1:188. Portanto, é um assunto de importância vital que cada um deve cuidadosamente reexaminar este assunto importante à luz da Palavra para ver se os seus pés estão realmente assentes num sólido fundamento. O único fundamento firme sobre o qual qualquer homem pode construir com sucesso é uma verdadeira, adequada e prática compreensão da Palavra da Verdade. E a grande e preciosa promessa dessa Palavra com respeito à confissão é *1 João* 1:9. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.”

Nesta promessa, Deus clara e plenamente nos oferece duas bênçãos essenciais — a bênção do perdão e a bênção da purificação, pois o texto diz expressamente “para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”. E, precioso é o pensamento, está Ele relutante em efectuar este trabalho? — Oh, não. Pelo contrário, Ele *anseia* fazê-lo. Todo o Seu coração de amor está aspirando com o mais inexprimível desejo que o Seu povo venha e total e livremente receba o dom em fluente abundância, como lemos: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”. *1 Tessalonicenses* 4:3. “Não temas, ó pequeno rebanho porque a vosso Pai *agradou* dar-vos o reino.” *Lucas* 12:32. O Salvador está curvado sobre aquele que o Seu sangue comprou, dizendo com *indizível* pena e ternura: “Queres ficar são?” *O Desejado de Todas as Nações*, 180. “Ele deseja levar-vos de novo a Si, e ver reproduzidas em vós Sua pureza e santidade.” *Aos Pés de Cristo*, 97. As Suas mãos estão cheias de grandes bênçãos que *anseia* e deseja conceder-vos.

Mas Ele está condicionado a agir apenas na justiça e portanto, absolutamente nada nos pode ser dado de tudo o que tanto *anseia* dar-nos se não cumprirmos essas condições simples. A única barreira para recebermos tudo o que o Céu deseja conceder, é falharmos em compreender e cumprir as simples condições estabelecidas na Sua Palavra.

A condição necessária para receber perdão e purificação é confessar o nosso pecado. A promessa é que se o fizermos, então Deus perdoará e também purificará.

Todavia, há dois tipos de confissão. Há a verdadeira confissão que reúne todos os requisitos da justiça, e há a assim chamada confissão que de modo nenhum é aceitável a Deus e portanto, não abre a porta para Ele conceder as bênçãos que tanto deseja dar.

Como posso eu, então, saber se a minha confissão tem sido de um carácter aceitável a Deus e trará as bênçãos prometidas? A resposta está aqui mesmo no próprio versículo. Temos apenas que o ler cuidadosamente para ver a resposta. “*Se confessarmos*” teremos cumprido a condição pela qual o caminho terá sido aberto para Deus fazer duas maravilhosas obras por nós, isto é, perdoar-nos e purificar-nos.

O cumprimento *de uma* condição é tudo o que é necessário para o cumprimento de *ambas* as promessas, porque o texto não diz que “se confessarmos os nossos pecados Ele é fiel e justo para nos perdoar, e depois se fizermos algo mais, limpar-nos-á de toda a injustiça.”

Ele diz que se *nós* confessarmos, *Ele* perdoará e purificará. Quando Deus faz uma promessa, Ele quer dizer isso mesmo, e é fiel e justo para fazer tudo o que prometeu fazer. Ele nunca cumprirá apenas uma parte da Sua promessa, mas toda.

Uma vez cumpridas as condições da confissão *aceitável*, Ele fará *tudo* o que prometeu, que é perdoar e limpar de *toda* a injustiça que foi confessada. Ele fará tudo ou nada.

Isto é dizer que Ele nunca fará apenas uma destas coisas. Fará ambas ou nenhuma, porque a própria condição a ser cumprida antes de poder ser perdoado é a mesma para ser purificado. No próprio momento em que a porta estiver aberta para Deus fazer uma coisa, está automaticamente aberta para a outra. Portanto, a única e segura evidência para mim de que fui perdoado de um certo pecado, é ter sido purificado dele. A evidência de que fui limpo desse pecado é que esse pecado não faz mais parte de mim, que o mesmo desejo mau na minha vida me deixou e eu sei que não mais faz parte de mim. Se vejo que um pecado faz ainda parte de mim, então certamente não fui limpo dele, porque qualquer coisa da qual fui limpo é certamente algo que foi tirado de mim e para longe.

Ao dizer isto, não se tenciona transmitir a ideia que a existência dos elementos básicos do apetite, paixão e afeição, juntos com a poderosa força da preservação do eu, sejam uma indicação de que não estamos limpos do pecado, pois estas coisas permanecem conosco por todo o breve espaço de tempo da nossa jornada terrestre. Elas são apenas a evidência de que somos possuídos de fraca, pecadora e corrompida carne. Elas em si mesmas não são pecado, mas são a área pela qual o diabo vem continuamente para levantar sentimentos e desejos que são pecadores, e nos trazem sob condenação. Estas sensações podem enumerar-se em parte como se segue: ressentimento, orgulho, ódio, inveja e desejos de satisfações carnis de um modo ilegítimo, tal como ansiedade de alimentos que não são saudáveis ou por associação ilegítima com o sexo oposto. Não é suficiente suprimir estes desejos. Eles devem ser erradicados da vida e as forças básicas pelas quais o diabo as desenvolve em nós, devem ser mantidas sob estrito controlo, de modo que o diabo não obtenha a oportunidade para levantar mais esses problemas.

Assim, se me tornei convicto de um certo pecado na minha vida e repetindo-o, o confesso e confesso sempre muito sinceramente, acreditando que fui perdoado dele, embora veja que o mesmo pecado, os maus sentimentos para com o meu irmão, o temperamento irreflectido, o gosto por alguma coisa má faz ainda parte de mim, então com certeza ainda não fui limpo disso, e muito certamente ainda não fui perdoado. Portanto, isso apenas quer dizer que apesar de pensarmos que na verdade confessámos esse pecado, o facto é que na verdade não o confessámos. A nossa confissão não cumpriu as especificações daquilo que Deus chama de confissão.

Isto não é dizer nem por um momento que confissão é um procedimento complicado e difícil, que apenas os sábios podem compreender. Longe disso. Pelo contrário, é tão simples e fácil de compreender que até mesmo uma criança pode perceber. Não há desculpa para falhar em compreender porque nos é claramente dito que: “Instruções expressas nos são dadas a este respeito.” *Aos Pés de Cristo*, 55.

O facto é que há confissão aceitável e confissão não aceitável, e nós devemos saber e compreender o que está envolvido na confissão que é verdadeiramente aceitável a Deus. Este é

obviamente um assunto muito sério e a nossa vida eterna depende totalmente dele, pois a não ser que sejamos perdoados e purificados nunca herdaremos a vida eterna. É porque nós simplesmente tomamos como verdadeiro que a confissão que temos feito é aceitável a Deus que do mesmo modo cremos ser certo que a experiência que temos é uma verdadeira experiência cristã. Mas é? Essa é a questão que deve ser enfrentada e respondida pois, “*É um temível fato que muitos estão se apoiando sobre falsas esperanças.*”. *Testimonies* 1:188. O facto é que se ainda não experimentastes purificação da alma do próprio pecado e contudo, acreditais calmamente que a vossa confissão foi tal que vos trouxe perdão e esperança de vida eterna, estais “apoiados numa falsa esperança”. A não ser que sejais despertados desta mortal satisfação própria para saberdes o que a genuína experiência cristã é, juntar-vos-eis àqueles, que tendo explicado a verdade com energia, chorareis e vos lamentareis quando chegarem às pragas e virem que estais perdidos.¹

Quão terrível é parecer que tão poucos sabem o que uma verdadeira experiência cristã é. Cada um de nós sabe quão perfeitamente natural é para o ser humano, pela própria natureza fazer o que é errado, e que mesmo quando chegamos a ser professos filhos de Deus e membros da igreja, mas compreendemos que tornarmo-nos cristãos significa ficarmos tão limpos do pecado que achamos não ser natural fazer o mal que uma vez fizemos, é natural fazer o bem que antes nos parecia não ser natural. Esta é a experiência que a verdadeira confissão aceitável trará.

Notai as palavras: “Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra de que está no gozo de tão rico dom.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente da sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e *é-lhe tão natural* produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas.” *Santificação*, 13, 14.

“Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, *obedecendo-Lhe, não estamos senão seguindo nossos próprios impulsos.*” *O Desejado de Todas as Nações*, 668.

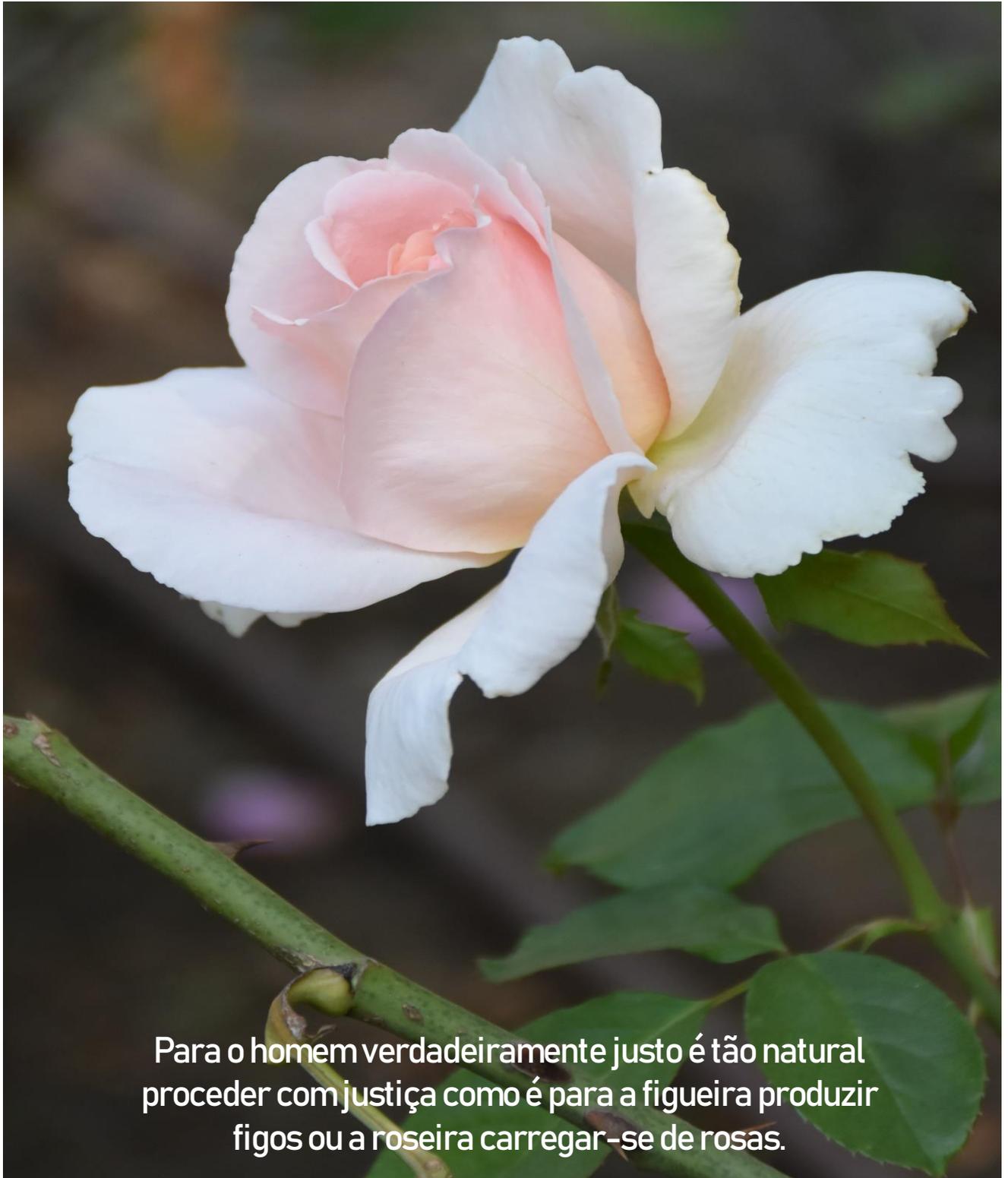
“O apagar do pecado é a sua remoção da nossa natureza de modo que não o conhecemos mais. Os adoradores uma vez purificados, na realidade purificados pelo sangue de Cristo, não mais têm consciência do pecado porque o caminho do pecado saiu deles. A sua iniquidade pode ser procurada mas não é encontrada. Saiu para sempre deles. É estranha à sua natureza e se bem que possam reconhecer o facto que cometeram certos pecados, esqueceram o próprio pecado. Não mais pensam em cometê-lo. Esta é a obra de Cristo no verdadeiro santuário que o Senhor construiu e não o homem, o santuário não feito pelas mãos do homem mas trazido à existência pelo pensamento de Deus.” E. J. Waggoner em *The Blotting Out of sin. The Review and Herald*, 30 de Setembro de 1902.

Verificastes que a vossa confissão do pecado vos trouxe uma experiência como esta? Encontrastes a doce experiência de estar tão limpos do pecado que o caminho do pecado saiu de vós, é estranho para a vossa nova natureza, nunca mais pensar cometê-lo?

Mas quão poucos conhecem este tipo de experiência. Quase universal é o testemunho de professos cristãos cuja vida é uma vida de pecar e confessar, pecar e confessar, pecar e confessar. É francamente admitido que *Romanos 7* é a perfeita descrição do seu esforço para fazerem aquilo que desejam, mas não podem. De tudo o pior, é o facto sinistro que isto é aceite como predicados pessoais normais de cristãos. É o melhor que se tem conhecido e é calmamente aceite como o melhor que pode encontrar-se deste lado, tanto da expiação final como da trasladação final dependendo de qual das modernas teologias é seguida.

¹ Vede *Primeiros Escritos*, 71.

“Quantos têm decidido, uma e outra vez, e mesmo assim as suas sinceras decisões se têm provado fracas como água em face da tentação. Eles não tinham poder, e não sabiam o que fazer; e, infelizmente, os seus olhos não estavam postos tanto em Deus como em si mesmos e no inimigo. As suas experiências foram uma luta constante contra o pecado, isto é verdade, mas também de constante derrota.



“Chamais a isto uma verdadeira experiência cristã? Há alguns que pensam que é. Por que motivo, o apóstolo na angústia da sua alma, clama, ‘Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?’ Romanos 7:24. É a verdadeira experiência cristã um corpo de morte tão terrível que a alma é constringida a clamar por libertação? Certamente que não! . . . O que esta servidão e cativeiro são, já foi mostrado. É a servidão do pecado — o cativeiro de ser compelido a pecar, mesmo contra a vontade, pelo poder das más tendências e hábitos adquiridos. Liberta Cristo numa verdadeira experiência cristã? Efectivamente, não. Então o jugo do pecado, do qual o apóstolo se queixa em Romanos sete, não é a experiência de um filho de Deus, mas a de um servo do pecado.” E. J. Waggoner, *Christ and His Righteousness*, 86, 87.

E este é o claro facto do caso. “Não é a experiência de um filho de Deus, mas a de um servo do pecado.” E aqueles que, embora professem ser cristãos, estão ainda neste estado e condição, são os que nunca aprenderam a confessar os seus pecados de acordo com os simples requisitos da Palavra. Ofereceram a Deus algo diferente, infelizmente inadequado, que pensaram ser uma confissão verdadeira, mas que, sendo algo diferente do verdadeiro, Deus não pode, em justiça, aceitar.

Para compreender o que está envolvido na obra da confissão *aceitável*, devemos sobretudo compreender as distinções entre as diferentes obras da graça que devem ser feitas pela alma antes desta estar pronta para a entrada no reino celestial.

Estas obras são as três seguintes: A primeira é a obra do renascimento ou regeneração; a segunda é a obra de reforma ou reeducação e a terceira é a obra da expiação final que toma lugar imediatamente a seguir a uma decisão favorável ter sido tomada em nosso favor no julgamento.

O testemunho que se segue é um testemunho chave para a compreensão destas obras diferentes.

“Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovamento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas idéias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efectuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se.” *Mensagens Escolhidas* 1:128.

Aqui é feita uma clara distinção entre a obra do reavivamento e da reforma, tal como a demonstração da ordem pela qual elas devem vir. Renascimento deve vir primeiro depois do que se segue a obra da reforma, para ser no final bem-sucedida pela obra da expiação final, como outras evidências mostrarão na altura devida.

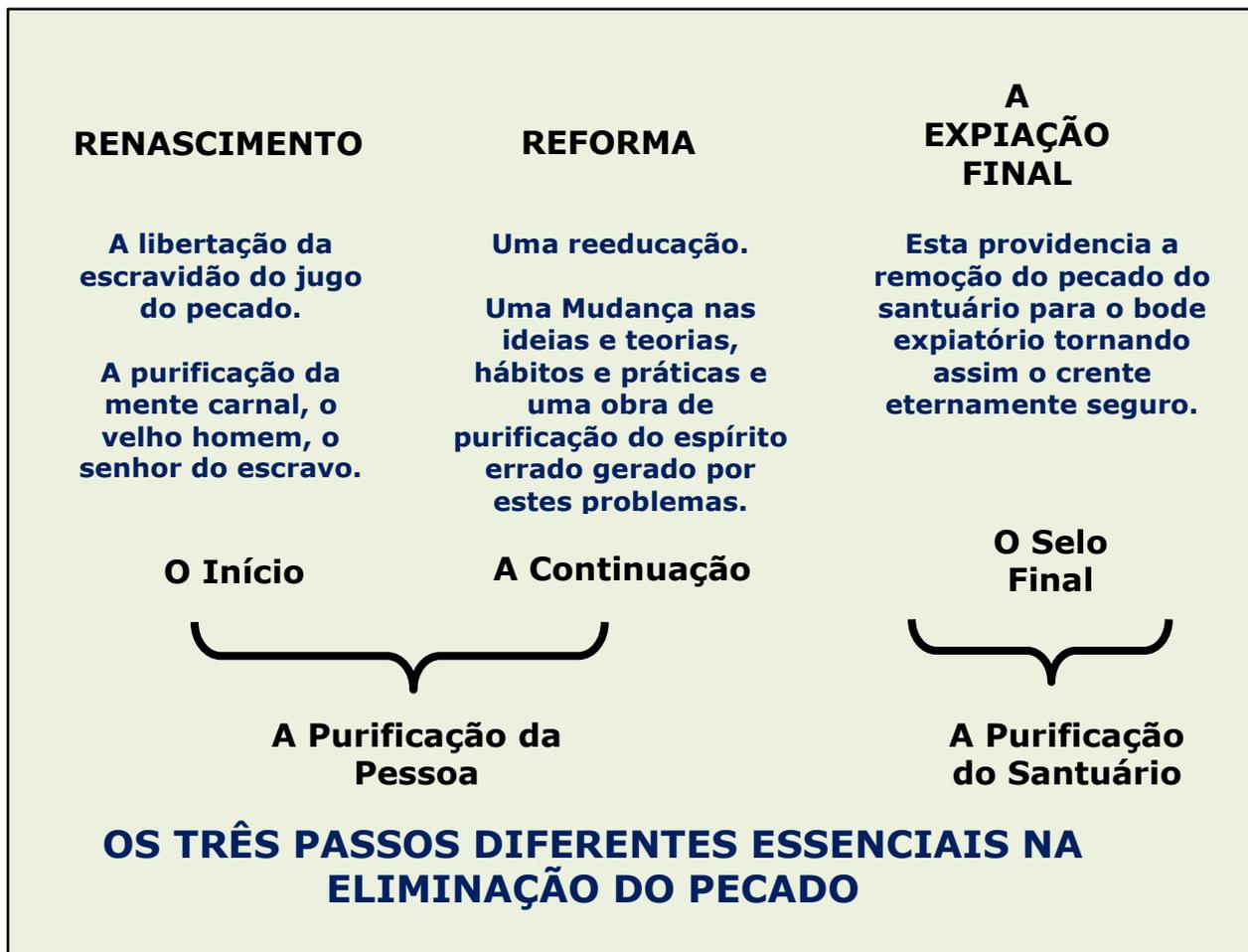
Renascimento é a ressurreição da morte espiritual. Por outras palavras é o início de uma nova vida e portanto é a experiência do renascimento. Fala-se desta grande obra de ressurreição da morte espiritual em *Romanos* 6:1-14 com particular referência ao versículo 6

Nos primeiros cinco versículos, a discussão é acerca da entrada na morte de Cristo, de modo que cada um pode ter a experiência de ser ressuscitado ou de levantar-se com Ele. A ressurreição aqui referida não é a ressurreição quando Ele aparece nas nuvens do céu mas é a ressurreição da morte espiritual que marca o próprio início do caminho do cristão.

Ora, no versículo seis está claramente demonstrado que esta experiência é a libertação da escravidão para a liberdade. “Sabendo isto, que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não *servamos* mais ao pecado.”

Quão plenamente está aqui declarado que a velha natureza do poder do pecado que em nós habita, deve ser destruída de modo que um certo propósito possa ser alcançado, sendo esse propósito o de não mais servirmos o pecado. O velho serviço ao pecado era a vida de escravidão sob o seu poder e isto é quebrado pela glória da crucificação do velho homem e pela ressurreição para a nova vida.

O problema a ser resolvido e a forma de o resolver está escrito no nosso volume *Da Escravidão Para a Liberdade*, e não se tenciona que a informação ali dada seja aqui repetida, excepto talvez, num ou dois pontos, de modo a proporcionar a relação entre a confissão *aceitável* que traz o renascimento e confissão *aceitável* como se aplica à obra da reforma.



No problema de estar em escravidão do poder mau do senhor do pecado, foi visto que não era suficiente suplicar o perdão daquilo que tínhamos *feito*, mas era necessário também confessar o que na realidade somos — escravos da doença que habita em nós, que tem total domínio nas nossas vidas, impedindo-nos de fazer o bem que desejamos fazer. Assim, encontramos-nos verdadeiramente na experiência de Romanos sete sem qualquer caminho aparente de dificuldade.

A não ser que a confissão chegue a um conhecimento daquilo que na realidade somos com a vontade de o entregar ao Senhor, Ele nada pode fazer por nós e encontramos-nos ainda na escravidão do pecado. Esta condição é evidente para nós por causa do resultado nas nossas vidas — a miserável incapacidade de fazermos aquilo que certamente sabemos ser certo, verdadeiro e próprio.

Há muitas pessoas no mundo que acreditam que são cristãs, que foram justificadas e perdoadas enquanto continuam neste estado de escravidão do velho homem do pecado. Têm estado muito conscientes dos maus actos das suas vidas que são o fruto da natureza má interior, têm estado muito convictas do erro destas coisas e foram ao Senhor para confessar e suplicar perdão por aquilo que têm *feito*. Têm acreditado que foram perdoadas sem terem confessado o que na realidade *são*. Tão certamente como falharam em confessar aquilo que são, o Senhor com certeza não pôde tirar delas o mal que são, assim não estão mudadas interiormente. Deste modo não houve purificação da injustiça e muito certamente também não houve perdão. Nada pode mudar a clara mensagem do texto sobre o qual este estudo se baseia, que nos diz que apenas quando a nossa confissão é de modo a que o Senhor possa perdoar-nos, poderá Ele ao mesmo tempo limpar-nos. Portanto, se não estamos limpos, então também não estamos perdoados.

Este é predominantemente um estudo do simbolismo do santuário do Antigo Testamento que tem a revelação dada por Deus do caminho da salvação. De facto, é seguro dizer que o trabalho do

evangelho em toda a sua plenitude não pode ser compreendido excepto à luz dos serviços do santuário.

O primeiro serviço do santuário no ano era o serviço da Páscoa e este é o símbolo do trabalho do renascimento ou libertação da escravidão, que do mesmo modo é a primeira experiência na vida cristã. Que a escravidão dos israelitas no Egito e sua libertação dela, é um símbolo da escravidão do pecado e a libertação dele está plenamente declarada nestes testemunhos: “A libertação de Israel do Egito era uma lição objectiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória. O cordeiro imolado, o pão asmo, o molho dos primeiros frutos, representavam o Salvador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 66.

“A Páscoa devia ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo cumpriria libertando Seu povo do cativo do pecado.” *Patriarcas e Profetas*, 281.

Por causa da necessidade vital de compreender a total futilidade de pedir perdão sem receber a purificação da raiz causadora do problema, e porque isto é mostrado tão claramente na experiência do escravo no Egito, será bom passar um pouco de tempo estudando esta ilustração.

Considerai o israelita enquanto suava sob o trabalho forçado na terra do deserto egípcio. Esse homem era um filho de Abraão e como tal um professo filho de Deus, chamado a este mundo para fazer a obra de Deus e construir o Seu reino. Mas, em vez disso, vimo-lo gastando todo o seu tempo, arte e energia construindo o reino de Faraó, que por sua vez é o reino de Satanás.

Sem dúvida a maioria dos israelitas odiavam o trabalho simplesmente por causa da sua natureza árdua, mas havia entre eles homens e mulheres conscientes que odiavam esse trabalho, pois sabiam que estavam no mundo para construir o reino de Deus e não o de Satanás. Contudo, faziam o trabalho dia após dia, não porque o quisessem fazer, mas por aquilo que eles eram — *escravos*. Enquanto eram escravos do serviço de Satanás, certamente não estavam ao serviço de Deus, mas em serviço *contra* Deus, não importando quão aborrecido esse serviço fosse. É óbvio que quanto mais eles construía o reino do mal no mundo, mais este trabalho era contra a construção do reino de Deus. A situação era então que, não apenas o reino de Deus não estava a ser de todo construído durante este tempo, mas o inimigo do reino de Deus estava a ser fortalecido pelos serviços do próprio povo que estava no mundo para destruir as obras do maligno.

Com este pensamento pesando na consciência, a mente espiritual desses israelitas desejava ardentemente escapar deste trabalho e dar a sua vida ao Senhor, mas não podiam ver o modo de saírem desse dilema. Porque eram escravos vendidos para a escravidão não tinham outra escolha a não ser servir o diabo dia após dia.

Agora, a grande verdade a ser estabelecida neste estudo, é que não há perdão sem purificação, e deve ser visto que esta verdade está maravilhosamente ilustrada na experiência do escravo na terra do Egito. Considerai o modo como o perdão é almejado e compreendido pelo actual professo filho de Deus, certamente não podia resolver nem resolvia o problema daqueles homens naquele tempo.

Vede-o no fim do dia a caminho da sua pequena casa e depois da sua refeição da noite procurar o seu lugar retirado. Pesado com a convicção de que passou esse dia *fazendo* as coisas que eram contra as obras de Deus, ajoelha-se para fazer uma sincera e compreensiva confissão de tudo *o que fez*. Diz ao Senhor que passou todo o dia ao serviço de Satanás, que os tijolos que fez e as paredes que ajudou a erigir, são todos para avanço da luta contra o Senhor do Céu e da Terra.

Tal confissão é muito sincera e muito real. Além disso, ele diz ao Senhor, com lágrimas de arrependimento real que odeia fazer isto, e deseja deixar de o fazer, mas é totalmente incapaz de o conseguir. Pede perdão e pela fé aceita o perdão que ele *crê* que recebe. Então levanta-se dos seus joelhos e cai no sono profundo fisicamente exausto.

Porém, está o problema resolvido? Não, certamente que não está! Não era como *escravo* que ele servia durante o dia; não era ainda como *escravo* que ele fazia essa confissão do que tinha *feito* durante o dia e pedia perdão por tudo isso; não era ainda como *escravo* que se levantava dos seus joelhos e *como escravo*, se levantava à luz da madrugada do dia seguinte. Sendo ainda como escravo

que deve passar o dia seguinte? Deve passá-lo exactamente como os anteriores, servindo Satanás e portanto, não servindo Deus.

O perdão, *como ele o procurava*, de modo algum resolveu o seu problema. Não obteve paz com Deus, não entrou no serviço de Deus e portanto, não escapou da condenação. Como já se salientou nas primeiras páginas deste livro, algo mais do que perdão, *como geralmente se compreende e procura*, deve ser obtido antes do seu problema poder ser resolvido e o seu serviço para o Senhor ter início.

Quando a situação daquele escravo é claramente compreendida e se vê que a aproximação feita ao Senhor a fim de obter a solução para o seu problema, reconhecendo-o por aquilo que era, será então visto que o modo pelo qual o professo filho de Deus hoje, procura a solução para o seu problema de pecado é idêntica à que o homem procurava nessa altura. Sendo assim, o mesmo processo é tão inútil agora como era naquele tempo, por isso não é de admirar que o comum professo cristão de hoje falhe no sonante testemunho da viva vitória sobre o pecado que devia caracterizar a sua vida e obra.

Mas o Senhor não esqueceu os lamentos e lágrimas dos que então estavam verdadeiramente conscientes “. . . os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão, e clamaram, e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão. E ouviu Deus o seu gemido, e lembrou-se Deus do Seu concerto com Abraão, com Isaque, e com Jacó”. *Êxodo 2:23, 24*.

Deus, não podia resolver o problema deles dando-lhes o perdão que eles pediam, mas não falhou em dar-lhes a solução para o problema que os assediava. Essa solução envolvia certamente muito mais do que suplicar simplesmente pelo perdão e acreditar que ele seria livremente obtido. Requeria mesmo que cinco passos distintos fossem dados, antes de poder ser recebido.

Esses cinco passos eram os que se seguem: Primeiro, tinham que escolher o cordeiro no décimo dia do primeiro mês do ano; depois, tinham que matar o cordeiro no décimo-quarto dia do primeiro mês ao pôr-do-sol; depois, tinham que espargir o sangue nas umbreiras das portas das suas casas e a seguir deviam comer a carne do cordeiro. Em quinto lugar, tinha que haver a morte do primogénito do Egipto.

Uma vez que cada um destes passos era um acto físico, o seu poder e significado real encontra-se na lição simbólica a ser tirada de cada um deles. É a revelação do modo pelo qual o Senhor remirá qualquer que deseja ser salvo do poder do senhor do pecado. E a lição objectiva pela qual o Senhor nos ensinaria o caminho para o renascimento ou regeneração — a grande libertação da escravidão.

A escolha do cordeiro é simbolizada pela aceitação de Cristo para ser o nosso Salvador. Isto é algo que todo o cristão já fez hoje, e este passo é, com certeza, essencial à salvação. Contudo, se apenas isto é feito, a salvação ainda não é nossa, tal como então na esperada libertação do Egipto, se o povo não fizesse mais do que isso, não teria ainda assim sido libertado. É facto histórico que, no momento em que escolheram o cordeiro, eram ainda inteiramente escravos na terra da servidão. Assim do mesmo modo, o facto que a maioria do povo no chamado mundo cristão tenha escolhido Cristo, não significa que tenha sido libertado da escravidão do pecado. Têm que seguir os próximos e sucessivos passos até *todos* terem sido dados.

A morte do cordeiro é o símbolo da própria morte de Cristo. Aponta para a cruz do Calvário como o lugar do sacrifício remidor e da expiação. Nas igrejas mundanas de hoje, a cruz tornou-se o grande centro do seu ensino e serviços. É pregada, cantada, estudada e reverenciada por milhões. A sua forma adorna igrejas por dentro e por fora, e é carregada em correntes à volta do pescoço de inumeráveis quantidades de pessoas.

Tragicamente muitos chegam apenas a este ponto e não é suficiente, pois quando os israelitas mataram o cordeiro não foram nem podiam ter sido libertados.

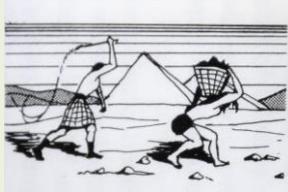
Mais era *ainda* necessário! Hoje, não é suficiente pôr toda a nossa fé na morte histórica de Cristo, que tomou lugar há quase dois mil anos. Essa fé é essencial, mas mais do que isso é necessária.

O espargir o sangue sobre as umbreiras das portas das casas, providenciava uma cobertura de protecção para os que estavam no interior, de modo que o primogénito não morresse. Hoje a nossa protecção da imediata punição da morte pelos nossos pecados é dada pelo sangue de Jesus. Isto é o

que na generalidade se refere como a justiça de Cristo imputada. Muitos sentem que se tiverem esta cobertura, estão seguros, e a salvação é para eles uma coisa garantida, mas é de novo visto que quando os israelitas derramaram o sangue, o seu problema de escravidão ainda estava por resolver. Eram ainda escravos e ainda não se atreviam a tentar deixar a terra da escravatura e servidão.

Tinham ainda que comer a carne do cordeiro — o símbolo do recebimento da própria vida de Cristo na alma. Tinham que receber esta vida antes de poderem sair da terra da escravidão, para iniciar o serviço para Deus. Assim, do mesmo modo, a mudança na atitude mental, a aceitação de novas crenças e o desejo de servir a Deus não é suficiente. Temos que ter a nova vida em nós antes de podermos estar em harmonia com Deus e iniciarmos o nosso serviço para Ele.

Neste ponto não é demais salientar fortemente que se os israelitas tivessem feito tudo isto e nada mais, *ainda assim* o seu *problema de escravidão não ficaria resolvido*. Teriam ainda que permanecer muito tempo na terra da servidão e escravatura. O cordeiro tinha morrido, tinham partilhado da sua própria vida quando comeram a carne do cordeiro, *mas havia ainda algo que devia acontecer*, e isto era a *outra* morte — a morte do primogénito do Egipto. O significado real dessa morte não será compreendido se não for visto que o primogénito do Egipto era o herdeiro de tudo o que o Egipto era, e assim permanece como um símbolo num sentido especial do que era aquela nação. Essencialmente aquela nação era uma nação de senhores do pecado, pelo que nós temos que saber que o primogénito da terra era o símbolo do senhor da escravidão. Então isto é o mesmo que dizer que a morte do primogénito do Egipto era a morte do senhor da escravidão — o fim do seu poder sobre os israelitas.



Cinco passos, incluindo duas mortes diferentes, estavam entre a escravidão e a liberdade para os israelitas quando deixaram a terra da escravidão no Egipto.



A primeira dessas mortes era a do cordeiro; e a segunda a do primogénito dos egípcios.

Ninguém devia ter a mínima dificuldade em ver que a não ser que *ambas* as mortes acontecessem, por esta ordem, não podiam, nem saíam em liberdade.

POR ISSO



Não é suficiente Cristo o Cordeiro ter morrido na cruz. O primogénito— a árvore má com a qual nascemos e que domina sobre nós - também tem de morrer antes que sejamos libertados do poder do pecado.



“Sabendo isto: que o nosso velho homem [o nosso primogénito] foi com ele [o nosso cordeiro] crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.” *Romanos 6:6*.

Assim foi na verdade, pois quando chegou a Faraó a notícia que todo o primogénito da nação tinha morrido, chamou Moisés e disse-lhe para juntar o povo e partir. Agora, ninguém terá a menor dificuldade em ver que se os filhos de Israel tivessem feito quatro destas coisas, mas não esta quinta essencial, permaneceriam ainda em escravidão com o seu problema por resolver. Podiam ter escolhido o cordeiro, tal como fizeram, matá-lo, espargir o sangue e comer a carne, sendo cada uma destas coisas capitais para resolver o problema, mas se depois de tudo estar feito, o primogénito do Egipto não morresse, então continuariam a ser escravos nessa terra. Nada há mais claro do que isto, e a atenção devia ser focada sobre este facto de modo que o seu significado na nossa experiência hoje possa ser compreendido.

Jesus morreu por nós na cruz do Calvário, mas essa morte nada nos fará a não ser que nós próprios entremos nela. O acontecimento histórico de há quase dois milénios deve ser traduzido numa presente experiência pessoal hoje nas nossas vidas, se quisermos ser libertados da escravidão do pecado. Se aceitamos Cristo como nosso Salvador, pomos a nossa confiança na Sua morte até ao reconhecimento que foram os nossos próprios pecados pessoais que O mataram, se confiamos na imputação da Sua justiça para nos salvar da punição imediata, se procuramos alimentar-nos da Sua vida e ensinamos sem experimentar realmente a morte da velha natureza em nós, então estaremos na mesma situação em que ficariam os judeus naquela altura se tivessem feito tudo o que foi pedido e depois disso o primogénito do Egipto não morresse. Lembrai que houve *duas* mortes naquela altura antes de obterem liberdade, mas o cordeiro apenas morreu uma vez.

Assim deve ser visto que há muito mais envolvido no facto de ser libertado da escravidão do pecado e entrada na experiência da regeneração do que reconhecer simplesmente que fizemos mal e então pedir para que isso nos seja perdoado. O perdão não é obtido deste modo, como será demonstrado mais efectivamente à medida que o estudo prossiga e então será mostrado que o Senhor do Céu não arrisca dar o perdão a um homem a não ser que ao mesmo tempo, o possa limpar. A morte da nossa própria natureza na experiência do renascimento é o acto de purificação, e sem ele não pode haver perdão nem libertação da escravidão.

No passado quando o israelita fazia a confissão ao fim do dia, no dia seguinte encontrava-se na mesma escravidão, como se nunca tivesse feito a confissão. Do mesmo modo, se nós hoje confessamos o que fizemos e depois verificamos que continuamos ainda em escravidão nesse ponto nos dias subsequentes, então podemos saber que não fomos purificados desse problema, e portanto, também não fomos perdoados.

A Reforma

A obra da reforma segue-se à do renascimento. A reforma como o testemunho que citámos nos informa é “uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas”. É praticamente impossível começar verdadeiramente este trabalho enquanto estamos na escravidão do velho senhor, pois durante esse tempo estamos na escola de Satanás, onde, longe de mudar as ideias e teorias, hábitos e práticas errados, somos cada dia mais fortemente consolidados neles. Primeiro tem que haver a libertação da escravidão, depois então, a obra da reforma começa.

Considerai de novo este facto à luz da história dos israelitas na forma como eles deixaram o Egipto. Enquanto estavam em escravidão era praticamente impossível ensinar-lhes os grandes princípios da lei e assim separarem-se dos muitos maus hábitos que enchiam as suas vidas. No momento em que saíram da terra das trevas, essa reeducação começou e continuou por todo o tempo em que viveram. Deve ser visto e compreendido que no momento em que saíram do Egipto não entraram imediatamente na terra prometida. Do mesmo modo, no momento em que nos regeneramos na experiência do renascimento da libertação da escravidão, não estamos nesse momento já capacitados para entrar no reino celestial.

Ora, não se propõe tratar de todos os aspectos da obra da reforma neste estudo, uma vez que isso será mais especificamente tratado num livro intitulado *Renascimento e Reforma*. Este é o estudo da *confissão aceitável*, que é a confissão que traz tanto o perdão como a purificação ao indivíduo. Portanto, preocupar-nos-emos com a obra do perdão e purificação do modo como ela está relacionada com a obra da reforma, independentemente da mesma ser feita no renascimento.

Embora seja verdade que a obra da reforma é a de reorganização, reeducação, a mudança de teorias e ideias dos seus hábitos e práticas resultantes, não devemos ser levados a pensar que não há obra de purificação a ser feita na obra da reforma. Há uma obra de purificação a ser feita e a necessidade dela levanta-se do seguinte modo.

A presença de ideias e teorias erradas na mente é vista pelo diabo como a oportunidade de estimular no homem um espírito e atitude errados. Por estes meios gera sentimentos errados, mesmo sensações de ressentimento, competição, inveja, orgulho etc., que por sua vez levam a acções erradas da parte do indivíduo.

Um exemplo excelente é encontrado na experiência da primeira igreja. É especialmente significativo, pois aqui estava uma igreja cheia do grande poder do Espírito, onde menos se esperaria que problemas aparecessem, mas mesmo assim aconteceu. Pouco tempo depois do Pentecostes levantaram-se as queixas dos gregos contra os hebreus por causa da suposta disparidade na distribuição de sustento às viúvas entre eles. Esta notificação está em *Actos 6:1*: “Ora naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano.”

Aqui fortes sentimentos se geraram nas mentes e corações dos gregos. Perguntar-se-ia como podia isto acontecer, uma vez que eles estavam livres do senhor do pecado e possuíam o amor de Cristo nos seus corações. Aconteceu, porque a obra de reforma não tinha tido tempo para chegar ao nível em que eles estariam libertados das teorias e ideias erradas que tinham aprendido na velha escola de Satanás. O diabo estava bem ciente da existência destas coisas que ainda permaneciam nas suas vidas e via nesta existência aquilo em que podia operar para gerar nos cristãos desses dias sentimentos e respostas que seriam pecaminosos e que por sua vez levariam a acções pecaminosas.



Esta ilustração está em termos claros em *Atos dos Apóstolos*, 87, 88. “Os corações daqueles que se converteram mediante o trabalho dos apóstolos, abrandaram-se e uniram-se pelo amor cristão. A despeito de *preconceitos anteriores*, todos estavam em harmonia uns com os outros. Satanás sabia que, enquanto esta união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade evangélica; e procurou tirar vantagem de anteriores hábitos de pensar, na esperança de que por este meio pudesse introduzir na igreja elementos de desunião.”

Nunca é demais salientar, que enquanto o renascimento faz uma grande obra de purificação no indivíduo e lhe dá literalmente a vida de Cristo na sua humanidade caída, não tira todos os problemas. Se assim fosse, então não havia necessidade da obra da reforma que se segue ao renascimento. Há ainda mais purificações a serem realizadas nas vidas daqueles que nasceram de novo. Para receber tais purificações com o perdão que as acompanha, é requerida uma confissão *aceitável* em cada caso.

Deve ser claramente visto no estudo desta confissão aceitável que na vida do cristão há um problema triplo. Acima de tudo habitam ainda em si ideias e teorias erradas que são trazidas da velha vida até serem notadas e corrigidas pelo indivíduo que está sob a tutela do Espírito de Deus. Depois há os sentimentos e atitudes erradas que podem ser desenvolvidos destas ideias erradas pelo diabo se lhe permitimos fazê-lo. Finalmente existem as ações erradas que são o resultado desta cadeia de causas e efeitos.

Tem que ser visto e compreendido que na vida humana aquilo que é mais visível é o resultado final de tudo isto, que neste caso são as ações erradas que mancham a vida. Aquilo que em seguida

é mais facilmente compreendido é o sentimento errado para com as acções erradas, mas aquilo que é mais difícil de ver, é a ideia errada que está por trás de tudo isso. Um excelente exemplo disto encontra-se na experiência dos doze apóstolos que acompanharam Cristo até à crucificação, ainda com a noção fixa nas suas mentes que o Messias, que eles firmemente criam que Cristo era, anunciaria uma gloriosa era de poder e grandeza para Israel. Essa ideia errada levou por sua vez a um espírito de rivalidade e competição entre eles que por seu lado os levou a acções erradas uns para com os outros.

Ora, enquanto o Salvador podia perdoar-lhes as acções e ao mesmo tempo limpá-los dos sentimentos que tinham dentro de si, não podia de uma vez libertá-los das ideias e teorias erradas que eram a própria base de todo o problema. A evidência que nos ensina esta verdade encontra-se em *João 13:1-17*. Aqui está a história do lava-pés na ocasião em que o Senhor se reuniu com os Seus discípulos antes da crucificação. Esses homens chegaram a essa festa com toda a espécie de maus sentimentos uns para com os outros, porque cada um tinha inveja da possibilidade do outro ter o primeiro e mais elevado lugar no reino. Havia neles orgulho, ódio e rivalidade, e estes maus sentimentos eram a sua própria vida nessa altura.

Foi por isso que Jesus desejando limpá-los de tudo isto, embora soubesse que mesmo assim não tinha mudado as suas ideias a respeito do reino, chegou-se a eles para lhes lavar os pés. Este acto não foi meramente uma lavagem física, mas devia ser o afastamento da própria condição *pecaminosa* na qual eles estavam então. Que esta devia ser uma lavagem *espiritual* está evidenciado pelo facto que depois de acabar Ele disse: “Estais limpos, mas não todos.” Versículo 10.

Agora Ele tinha lavado os pés deles e cada um dos pés estava tão limpo como qualquer outro. Portanto, se tivesse que ser apenas uma *purificação física*, Ele declararia simplesmente que estavam todos limpos sem adicionar a excepção a respeito de um. Esse era Judas, “Porque bem sabia Ele quem O havia de trair por isso disse: nem todos estais limpos”. Esta impureza neste último discípulo era *espiritual*, não física, pelo que nós sabemos que aquilo que o Salvador realmente pretendia desses homens no lava-pés não era apenas a lavagem do pó dos pés, mas do mau espírito dos seus próprios corações na vida espiritual.

“Quando Jesus Se cingira com a toalha para lhes lavar o pó dos pés, desejava, por aquele mesmo acto lavar-lhes do coração a discórdia, o ciúme e o orgulho. Isso era de muito mais importância que a lavagem de seus empoeirados pés”. *O Desejado de Todas as Nações*, 624.

Que Ele foi bem sucedido em fazer isso está evidenciado pelas Suas próprias palavras quando disse: “Estais limpos”. “O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés. Operou-se uma mudança de sentimentos. Olhando para eles, Jesus podia dizer; ‘Vós estais limpos’. Agora havia união de coração, amor de um para com o outro. *Tornaram-se* humildes e dóceis. Com excepção de Judas, cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar. Então, com coração submisso e grato, estavam aptos a receber as palavras do Salvador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 624.

Daqui, então, é muito claro que o Salvador é capaz de nos limpar dos sentimentos errados, e de nos perdoar das más acções que esses sentimentos nos levam a cometer, sem ser necessariamente capaz de mudar completamente as teorias e ideias erradas que são a raiz de todo o problema. A prova que embora tenham sido limpos nesta altura dos sentimentos errados, do espírito errado, etc., não foram libertados das ideias erradas, é mostrada pelo modo como se comportaram pouco tempo depois no jardim do Getsémani. Ali, de novo agiram de harmonia com as ideias erradas que há tanto tempo acariciavam e que lhes causou tantos problemas. Obviamente chega a altura, tal como chegou para eles, em que o Senhor é finalmente capaz de mostrar a natureza errada da teoria e nos libertar dela, mas entretanto na obra da reforma, o Senhor é bem capaz de nos libertar do espírito errado e nos perdoar as acções erradas quando são confessadas como devem ser. Tal confissão deve ser uma confissão não apenas do mal que fizemos, mas também do espírito errado que temos, e a posse de tal espírito nesta altura faz-nos ser aquilo que somos agora.

Tal como a obra da reforma, no serviço do santuário, é claramente ensinada em forma de parábola no serviço pascal, também a obra de purificação no período de reforma é claramente ensinada em parábola nos serviços do ministério diário pelo pecado. Não é demais salientar que enquanto há semelhanças nítidas entre a obra da purificação do velho homem do pecado para produzir a experiência do renascimento, e a obra de purificação do mau espírito gerado por causa das ideias e teorias erradas que permanecem, e seus hábitos e práticas resultantes na experiência da reforma, não devem ser confundidas uma com a outra. Em vez disso as distinções entre elas devem ser mantidas muito claras e separadas.

Por outras palavras, em nenhum sentido deve a Páscoa ser usada como uma ilustração da experiência diária do cristão e do mesmo modo em nenhum sentido o serviço diário do santuário deve ser usado para ensinar as experiências do reavivamento, da regeneração e do novo nascimento. Isto quer dizer então que enquanto avançamos no estudo da experiência diária, estamos a estudar a confissão *aceitável* como ela se relaciona com a obra da reforma na vida diária. Estamos a estudar algo que é válido apenas para aqueles que já receberam a bênção da libertação da escravidão e deixaram o Egito espiritual.

No Santuário

É em *Levítico 4* que encontramos descrito o serviço pelo qual o penitente encontra perdão e purificação do seu pecado na experiência diária. Estamos já familiarizados com os simples factos da cerimónia. São simples de ler, compreender e aprender com a mente intelectual. Mas antes de procurarmos a lição e aplicação espiritual, vamos rever os simples factos do caso. Em *Levítico 4* é dada instrução acerca daquilo que deve ser feito se o sacerdote apontado, versículos 3-12, toda a congregação, versículos 13-21, um príncipe, versículos 22-26, ou alguém do povo comum, versículos 27-35, tivessem pecado por ignorância em algum dos mandamentos. Em cada caso, uma vítima era trazida à porta do santuário, o pecado confessado sobre a sua cabeça, a vítima era morta e o seu sangue recolhido para um recipiente. Nos casos dos três primeiros, o sacerdote, toda a congregação e o príncipe, o sangue era levado ao lugar santo e espargido sete vezes perante o véu e sobre as quatro pontas do altar do incenso. Então o restante era trazido e espargido na base do altar do sacrifício. A carcaça era trazida para fora do campo e era queimada, depois da gordura e os rins terem sido queimados sobre o altar do sacrifício. Mas, com as pessoas comuns, o sangue não era levado para dentro, mas derramado na base do altar do sacrifício e o corpo do animal não era levado para fora do campo e queimado como em outros casos.²



O ALTAR DO SACRIFÍCIO

Em *Levítico 4* nenhuma indicação é dada acerca do que era feito com o corpo neste caso, mas uma referência a *Levítico 6:25-30* e *10:16-20*, mostrará que a lei da oferta pelo pecado era simplesmente que em toda a oferta pelo pecado, a carne devia ser comida pelo sacerdote, excepto naquelas em que

² Ver Apêndice A

o sangue era levado para o santuário. Tudo isto devia ensinar como parábola as grandes verdades da expiação ou purificação do pecado no diário. Tudo isto era para ensinar ao povo, a vós e a mim, o que está envolvido na confissão *aceitável*. Assim, com os factos perante nós e com a ajuda e guia do Espírito de Profecia, vamos procurar o sentido e as bênçãos aqui contidas.

O primeiro facto óbvio, é que todo este serviço foi provido por causa do pecado e para que o pecado *pudesse ser removido do pecador e transferido para o santuário*. Em *Levítico 4* o pecado especificamente referido era qualquer pecado de ignorância. Ora, é evidente que enquanto o pecado permanecesse como um pecado de ignorância, não havia nada que pudesse ser feito acerca dele. A primeira obra do indivíduo é trazer essa prática pecaminosa ao conhecimento de modo que se torne um pecado *conhecido*. Esta é a obra do Espírito Santo pois “quando Ele vier, reprovará (ou convencerá) o mundo do pecado”. *João 16:8*. Se essa convicção não for resistida, levará ao arrependimento que é também o dom de Deus através do Espírito Santo. “Deus com a Sua dextra O elevou a Príncipe e Salvador, para *dar* a Israel o arrependimento e remissão dos pecados.” *Atos 5:31*. “Assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, assim também não podemos arrepender-nos sem que o Espírito de Cristo nos desperte a consciência.” *Aos Pés de Cristo 26*. E assim, pelo ministério da Palavra pelo Espírito, o indivíduo é trazido ao lugar em que vê que esse elemento na sua vida é pecaminoso e deve ser posto de parte.

Mas, este é decididamente um ponto chave, de facto um ponto vital, se ele tem uma verdadeira compreensão da ciência da salvação, compreenderá que o seu problema de pecado é mais, muito mais do que *aquilo que ele fez*. Saberá que esse não é, de todo o problema real. O verdadeiro problema não é o que ele *fez*, mas o que ele *é*. Deve ser tornado muito claro que a compreensão daquilo que é o problema real, é essencial para fazer uma verdadeira confissão *aceitável* perante Deus. É um facto, como em breve veremos mais claramente, que se o pecador chega ao santuário, preocupado apenas com aquilo que fez, e pede apenas perdão por isso, então ele certamente se retira sem purificação e sem perdão.

O problema real é a *pecaminosidade* do indivíduo — *o que ele é* — esse *espírito* nele que produz as acções erradas. Este é o problema imediato que pede solução urgente, mas deve recordar-se que para além disto estão as ideias e as teorias erradas das quais Satanás está a tirar vantagem. Se bem que ainda não possa ser reconhecido por aquilo que é, o aparecimento do espírito mau em nós, e as consequentes más acções, indicam-nos que há uma obra muito real de exame do coração a ser feita, de modo a encontrar este problema básico. Que esta é uma tarefa difícil, torna-se certo pelo facto de ser muito humano ligar-nos às nossas ideias e opiniões acariciadas.

Mas, enquanto não é possível de imediato ver a ideia e a teoria errada de tudo isso, é possível ver o *espírito* errado que o diabo gerou em nós e deve ser compreendido que enquanto isso não for tratado, então as acções erradas continuarão. Devemos ser purificados desse espírito e libertados tal como os apóstolos na véspera da crucificação.

Somente quando se trata disto, está o problema daquilo que fazemos resolvido. Contudo, parece que toda a preocupação da maior parte das pessoas é aquilo que fazem, enquanto falham totalmente em ver que aquilo que *fazem* é apenas a revelação daquilo que são. Mas é plano de Deus *que o fruto das nossas vidas sirva para nos mostrar plenamente aquilo que somos*. Se não houver outro meio, uma árvore pode ser sempre identificada pelo fruto que dá. Que ninguém se engane a si mesmo aqui. Olhai honestamente para os actos da vossa vida e neles podeis ler uma perfeitamente acurada revelação da pessoa que na realidade sois.

Isto está plenamente testemunhado nas palavras da inspiração como se segue: “O período de tentação sob a qual, talvez, uma pessoa caia em um pecado ofensivo, não cria o mal revelado, mas apenas desenvolve ou torna manifesto aquilo que estava oculto e latente no coração. Um homem ‘é tal quais são os seus pensamentos;’ porque de seu coração ‘procedem as saídas da vida’. Provérbios 23:7; 4:23.” *O Maior Discurso de Cristo*, 60.

Ora, segue-se certamente que se aquilo que fazemos é apenas o fruto daquilo que somos, então é-nos impossível fazer o bem, até que primeiro nos tornemos bons. Este facto é tão fundamental e

importante que perdê-lo é perder toda a mensagem da justificação e certamente falhar em jamais fazer uma confissão que Deus possa aceitar como condição para dar o perdão e a purificação. Esta verdade é com ênfase ensinada e plenamente testemunhada na Palavra de Deus. De facto “. . . nenhuma verdade a Bíblia ensina mais claramente do que aquela segundo a qual o que fazemos é o resultado do que somos”. *Educação*, 146.

No primeiro sentido, estas palavras têm a sua aplicação à situação antes de sermos convertidos. Mas elas também se aplicam às coisas depois da conversão ter acontecido. O crente que foi redimido do poder do senhor do pecado, tem agora em si a perfeita natureza divina da vida de Cristo, e também tem a caída natureza humana. Esta última não deve ser confundida com a mente carnal que está em inimizade contra Deus e não pode estar em sujeição a Ele, e que foi removida na libertação da escravidão.

Construída nessa natureza humana, há muita educação errada na forma dessas ideias e teorias erradas e estas fazem de tal forma parte de nós, que seja qual for a extensão em que elas o façam, deve dizer-se que são *aquilo que somos*. O mesmo é verdade acerca de quaisquer sentimentos e espírito errados que se desenvolvem em nós por causa das teorias e ideias erradas. Portanto, quando se faz referência *aquilo que somos* na obra da reforma, não deve ser compreendido que estas palavras se aplicam a todo o ser, corpo, mente e espírito, mas a essas *áreas de nós mesmos* em que ainda estamos em pecado e ainda não foram totalmente purificadas de todo o traço de injustiça.

Isto significará que, enquanto como cristãos possuímos a natureza divina de Deus na alma, faremos muito de bom e manifestaremos algumas características boas, em certas áreas encontramos-nos fazendo mal e permitimos ao diabo tirar vantagem das partes não reformadas das nossas vidas. Deve ser acentuado que embora tenhamos ideias e teorias erradas não *precisamos* de pecar, pois podemos deste modo fazer o Senhor nossa sabedoria e guia de modo a estarmos ainda seguros. Mas se permitirmos ao diabo desenvolver um espírito mau em nós, então, enquanto estiver ali, decerto agiremos erradamente e continuaremos a agir errado nessa certa área até deixarmos de ser o que somos nela.

Para alguns as diferenças e semelhanças podem ser um pouco difíceis de seguir, especialmente à luz desta muito breve explicação. Deve salientar-se neste ponto que este estudo é muito pequeno para cobrir todos os aspectos do problema. Em vez disso tenciona ser uma prática directiva do modo como agir quando aparecem na vida do cristão sentimentos, desejos, apetites desenvolvidos, etc., que por sua vez dão lugar a acções erradas. Tencionamos mostrar como essa confissão *aceitável* cuidará desses problemas. Para uma maior e mais detalhada explicação da extensão do problema, de novo recomendamos o livro *Renascimento e Reforma*.

O sacrifício provido em *Levítico 4* era aplicado aos pecados de ignorância da parte do povo, da congregação, do sacerdote ou do príncipe. É um facto muito claro que quando alguém nasce de novo, enquanto o Senhor acaba com toda uma lista de pecados e mal, para trocar pela Sua própria justiça, ainda permanecem na vida muitas coisas das quais nem sequer conhecemos nessa altura como sendo más. Estes são os pecados de ignorância e o Senhor cobre-os com a Sua justiça imputada ao passo que trabalha no lento e difícil processo de nos trazer ao lugar em que vejamos estas coisas tal como na realidade elas são.

É claro que ninguém pode confessar um pecado de ignorância enquanto não sabe da existência dele na sua vida. Primeiramente deve chegar ao lugar em que o vê tal como é, e onde está, e ser convencido da pecaminosidade desse mesmo elemento. Então, e apenas então, pode confessá-lo e pô-lo de lado. É, evidentemente a obra do Espírito Santo trazer esta convicção e Ele procura fazê-lo pelo ministério dos ensinamentos directos da Palavra. Mas muito frequentemente isto falha em ser bem-sucedido tal como aconteceu com os apóstolos nos dias de Cristo. Contudo, Ele passou três anos e meio tentando que esses homens vissem a verdade com relação à Sua vinda, deve dizer-se que Ele foi mal sucedido em mudar as suas mentes pelos testemunhos directos acerca do modo como Ele realmente viria.

Isto significa então que outros métodos devem acompanhar aquilo que o primeiro falhou em alcançar, ainda que estes outros meios sejam mais dolorosos e humilhantes para o indivíduo. O outro método envolve a espera até que as inevitáveis provas da tentação revelem os males latentes escondidos nele como fez com os primeiros discípulos de Cristo.

Mesmo então o esforço do Senhor muitas vezes falha, pois, quando um indivíduo se encontra num problema real, tem a tendência para culpar todos, menos a si mesmo, pelas dificuldades.

Quando outra pessoa lhe faz algo que lhe causa um espírito de ressentimento, dor, inveja ou ódio, em vez de estar grato pela situação ter sido permitida de modo a poder ver as coisas em si mesmo, culpa outra pessoa pelos seus problemas, dizendo para si mesmo e para os outros que se a outra pessoa não lhe tivesse feito isto então não teria reagido do modo como reagiu.

É tão trágico que as pessoas reajam deste modo às tentações e pressões da vida pela mesma coisa que teria trazido a revelação essencial do próprio eu, serve em vez disso apenas para aumentar o mal na vida. Que cada um evite tal reacção. Será preferível que cada um determine que estudará, não as acções da outra pessoa contra si mesmo, mas as suas próprias *reacções* para com as acções das outras pessoas. Seja sempre recordado que nunca seremos julgados pelas acções que outras pessoas fizeram contra nós, mas pelas nossas próprias *reacções* às suas acções.

Se revelamos esta atitude para com todos os testes e dificuldades da vida, então acontecerá que ao encontrarmos nas nossas vidas o aparecimento de um espírito que não é justo, saberemos que é uma revelação de algo que existe dentro de nós, uma ilustração *daquilo que somos* nessa área particular das nossas vidas, e saberemos que enquanto esse elemento estiver ali, continuaremos a cometer a acção errada, pois fá-la-emos por causa daquilo que somos em nós. Então iremos ao Senhor em busca do remédio para a raiz do problema.

É assim que o crente inteligente sabe que tem o problema, não apenas daquilo que fez, mas daquilo que é na sua natureza. Sabe que há vida nele que é má e deve livrar-se dela antes de poder deixar de fazer as coisas más, e sabe, com coração satisfeito e alegre que no ministério do santuário há total provisão para as suas necessidades. Sabe que se confessa, Deus é fiel e justo para lhe perdoar o seu pecado e para o purificar de toda a injustiça que viu e verdadeiramente confessou.

Portanto, tendo-se arrependido do pecado que foi trazido ao seu conhecimento pelo Espírito, está pronto para fazer a confissão, total e aceitável à porta do santuário. Não vem tremendo receosamente porque sabe que o Senhor está à espera para receber o seu pecado e para lhe transmitir uma vida completamente nova. Não vem leviana nem descuidadamente, mas com uma profunda penitência que sempre acompanha o verdadeiro arrependimento.

No Altar

A alma convicta e arrependida vem agora ao altar da oferta queimada, um tipo da cruz. Ali, o sacerdote espera-a. Vem sabendo que necessita tanto de perdão como de purificação e que ali encontrará tudo o que precisa, desde que preencha as simples condições da confissão aceitável.³

No serviço do santuário, essas condições são claramente demonstradas, especialmente vendo-o à luz brilhante desse serviço no Espírito de Profecia. Pois ali, nessa Palavra lemos esta frase reveladora. “O sangue, representando a vida que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimónia, o pecado transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário” *O Grande Conflito*, 417. Ora, mantendo em mente que tudo nesse serviço do santuário era apenas uma representação em si mesmo, eram apenas símbolos e nunca realidade, mas: “O que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre, é feito na realidade no ministério do santuário celestial”. *Idem*, 419.

Portanto, a única conclusão que pode ser tirada é esta; o que quer que fosse esse sangue, era uma representação no serviço típico, devendo compreender-se como uma verdadeira realidade literal no verdadeiro santuário celestial. O que é que nos é dito expressa e claramente que esse sangue simbolizava? É-nos plenamente dito que é “a vida que o pecador perdera”.

O relato de *O Grande Conflito*, 417, é um entre muitos que revela a genuína verdade do que é o pecado. Falamos da culpa do pecado, mas a culpa é apenas *do* pecado, não é o pecado em si mesmo. Falamos das acções do pecado, mas de novo essas acções não são o pecado, elas são o fruto ou resultado *do* pecado. Assim é também verdade acerca do registo do pecado.

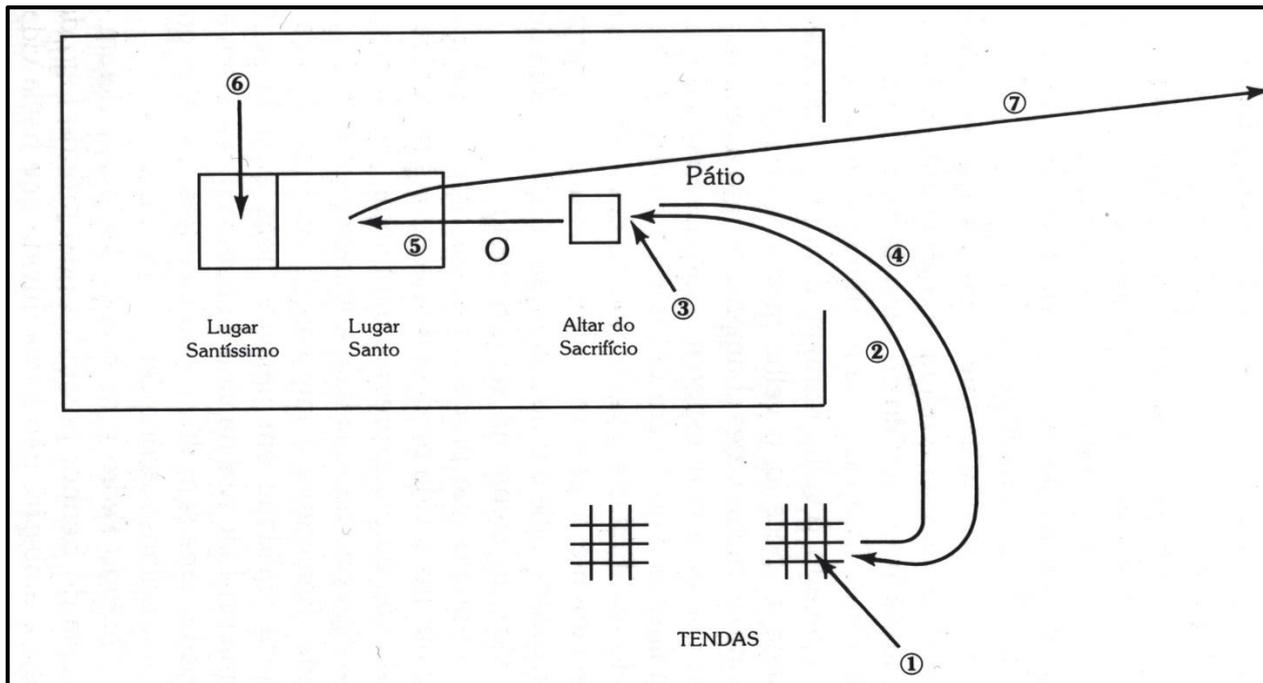
O registo não é o pecado. O pecado é a vida do pecador, aquilo que ele é, a sua *iniquidade*, isto é, a sua pecaminosidade. Isto é provado pelo testemunho acima citado que tão distintamente diz que levando a vida do pecador para o santuário, o pecado é levado para o interior.

É muito essencial para a nossa salvação que tenhamos nas nossas mentes a compreensão correcta daquilo que os escritores inspirados querem dizer quando usam a palavra “pecado” porque: “Remissão, ou acto de lançar fora o pecado, é a obra a efectuar-se.” *O Grande Conflito*, 416. E esse pecado, como a Palavra diz, não é apenas o fruto mas a própria vida do pecador.

Portanto, no facto real, quando vamos e realmente confessamos então, não apenas a culpa dos nossos pecados, mas a própria vida pecaminosa em si mesma que causou o problema é transferida de nós para o santuário. Não apenas é o pecador perdoado mas é também purificado.

Ora se vimos algo menos do que tudo isto, isto é, menos do que a real transferência da vida pecaminosa em si mesma para o santuário; se vimos algo menos nesse serviço pelo pecado, então para nós tudo isto não tem virtude, valor, mérito, nem salvação. Quanto de maravilhoso e precioso é revelado por esta frase “a vida que o pecador perdera.” Consideremo-la cuidadosamente. No primeiro exemplo, o que é a vida do pecador aqui falada? É a sua natureza humana de carne e sangue? Para ajudar a nossa compreensão dessa questão, vamos ver outra Escritura. Paulo disse “já estou crucificado com Cristo”. *Gálatas 2:20*. Queria ele dizer que tinha morrido, ou era apenas uma maneira de falar? Uma boa forma de retórica? Não, ele realmente queria dizer que tinha na verdade morrido.

³ Ver Apêndice B



1. Através do estudo da palavra de Deus e da prova da tentação, vem a revelação e a convicção do pecado desconhecido. O crente inteligente sabe que o problema real não é o acto do pecado, mas a fonte de todo o problema é o *espírito* do mal interior. Ele sabe que, até estar purificado, não pode deixar de cometer o pecado, mas continuará a cometê-lo.
2. Ele sabe que esta necessidade de perdão e purificação será resolvida na sua totalidade à porta do santuário em resposta a uma confissão *aceitável*. Portanto, o crente vem com forte fé que o Senhor fará precisamente o que prometeu fazer.
3. Muito especificamente, confessa que o seu problema real é o mau espírito interior. Entrega-o ao Senhor, que o toma e enche o vácuo com as suaves graças do Seu Santo Espírito.
4. Assim, ao regressar a casa chega como um homem muito diferente daquele que saiu. Nesta área onde foi purificado, tem o poder de escolher se quer pecar ou não.
5. Aquilo que o conspurcava – a sua vida perdida – está agora no santuário, manchando-o de maneira que terá de ser purificado. Então, a purificação do crente é a conspurcação do santuário.
6. Um registo de todas estas transacções é guardado no Céu e este registo é usado para determinar a posição final do pecado no grande dia do julgamento. Os pecados voltam para o pecador ou são colocados sobre o bode expiatório.
7. Somente aqueles que estão no santuário, se não houver pecado desconhecido na pessoa, serão colocados sobre o bode expiatório. Portanto, é muito essencial que todos os pecados estejam no santuário antes do julgamento. Este tem de ser o pecado em si mesmo e não o sentimento de culpa ou o registo, *Lembrai-vos que nenhum pecado passa directamente do pecador para o bode expiatório. Todos eles têm de passar primeiramente pelo santuário.*

Bem, então foi ele suspenso na cruz com Cristo? Deixou a sua vida humana de existir e foi para a sepultura?

Não, ele não quer dizer isso, porque não se estava a referir à sua carne e sangue humanos, mas à vida pecaminosa, a natureza carnal, a sua tendência maligna, o carácter de Satanás nele, que foram crucificados e tirados do caminho.

Ora, sem dúvida que é verdade que nesta referência Paulo se está a referir primeiramente à ocasião em que ele foi convertido do reino de Satanás para o reino de Deus. Essa vida que morreu nele era o senhor real do pecado, o velho homem, a mente carnal, a leprosidade do pecado, o velho marido e coração de pedra como é muitas vezes chamado. Sendo assim, há aqueles que podem questionar o uso do versículo aqui, para ilustrar o ponto em questão com relação à obra da reforma. Embora o versículo não deva ser aplicado directamente a esta experiência, contudo, o princípio envolvido nele é uma ilustração válida da obra de tirar a vida do crente no serviço diário.

O ponto que procuramos salientar, é que quando se diz que a vida perdida do pecador é removida dele, esta não é uma expressão para iludir, mas a descrição de algo que na realidade e literalmente tem lugar na vida. Realmente é impossível transmitir a força total desta realidade em palavras, mas quando se torna uma verdade real na vida da pessoa que é assim abençoada, *sabe* sem dúvida ou incerteza que algo grande e maravilhoso aconteceu dentro de si.

Quando Pedro e os outros discípulos vieram para a ceia do Senhor possuídos pelo próprio fogo da inveja e ambição, não havia dúvida que havia vida neles — um poder controlador causador das coisas não santificadas que faziam. Isto eles não puderam ver a princípio, mas quando as acções e vida de Cristo lhes revelaram a verdadeira natureza das forças que estavam dentro de si, então viram-na, e Pedro expressou a sua mútua esperança de serem purificados dessas coisas. Em resposta a esse pedido, Jesus limpou-os de modo que o espírito e vida que ali estava antes, não mais estava lá. Quão diferentes então se sentiram. Quão limpos estavam. Quão livres se tornaram e ninguém a não ser eles podiam conhecer essa maravilha e poder. Sabiam que a velha vida tinha sido tirada deles, e que a nova vida tinha tomado o lugar da velha. Seria seguro dizer que embora tivessem ideias e teorias erradas que davam a Satanás a oportunidade de os vencer, sem a maravilha dessa experiência viva, aqueles homens não teriam sido capazes de suportarem as tentações das horas vindouras até ao ponto em que, ainda que caíssem, seriam capazes de recuperar de tudo. Todos quantos experimentaram esta purificação recuperaram, enquanto aquele que não recuperou, Judas, entrou na noite eterna.

Foi observado antes, que Paulo não se estava a referir a esta vida de carne e sangue humanos como sendo o que morre, mas em vez disso à vida má dentro dele. Ora, para o cristão nascido de novo tal como foi com Paulo, a morte já tinha tomado lugar, mas essa morte da velha natureza não resolveu as velhas ideias e teorias, hábitos e práticas que pertencem ao poder mau que está no interior da própria velha natureza, mas à educação dada por essa velha natureza quando estava no pecador. Esses resíduos e especialmente o espírito que o diabo desenvolve por causa da sua permanência ali, é vida. Não é a vida física, mas é o mal que tem que ser crucificado até à própria morte pela purificação do indivíduo. Não é algo que possa ser totalmente efectuado num acontecimento, mas leva tempo a realizar, pois cada problema deve ser tratado separada e individualmente. Apenas quando um é removido pode o caminho ser preparado para se descobrir e arrancar pela raiz o problema ainda mais profundo.

Esta obra progressiva está bem descrita nas palavras de A. T. Jones como se segue: “Se o Senhor nos revelou pecados nos quais nunca tínhamos pensado antes, isso apenas mostra que Ele está a ir às profundezas e chegará finalmente ao fim, e quando Ele encontra a última coisa que é imunda ou impura, que está fora da harmonia com a Sua vontade e no-la mostra e então dizemos: prefiro ter o Senhor a ter isso, então a obra está completa e o selo do Deus vivo é colocado nesse carácter.” *The Third Angel’s Message, 1893. G.C.B. n. 17, pág. 6* por A.T. Jones.

É assim que à medida que avançamos através da vida, enfrentamos testes. Ficamos sob dificuldades e tentações e estas experiências são determinadas por Deus para nos revelar os males

escondidos nas nossas naturezas. O aparecimento destas coisas não quer dizer que não tenhamos nascido de novo. Apenas mostra que a obra está a ir mais profundamente. Portanto, não vamos desanimar nem desfalecer, mas rejubilemos, alegremo-nos e oremos todos os dias: Examina-me Senhor, e conhece o meu coração, prova-me e vê se há algum *caminho* iníquo em mim, apressa a obra e abrevia a sua conclusão final.

O que nos revelam estes testes se podemos apenas olhar na direcção certa para ver o que o Senhor deseja que vejamos, é a própria vida do mal que ocupa ainda certas áreas das nossas decisões. É a própria vida que no facto mais real e literal é removida de nós na transacção do perdão e purificação que se segue ao efectuar uma *confissão aceitável* à porta do santuário. Não é apenas a culpa, mas o próprio pecado. A culpa não é o pecado mas apenas a medida de responsabilidade do pecado, tanto o acto dele como o facto que temos a sua natureza dentro de nós.

Levar ao santuário “a vida *perdida* do pecador” é levar as coisas más da vida, contudo, ao mesmo tempo isto também quer dizer que a culpa é simultaneamente transferida, pois onde está o pecado a culpa do pecado também lá estará. Isto é verdade, mas deixai as distinções serem sempre claramente mantidas em mente, pois a vida do pecado é uma coisa, e a *culpa* do pecado é algo diferente.

Damos agora consideração à palavra usada para descrever a vida que é deixada. E a palavra *perdida*. O que quer dizer quando é usada no testemunho: “O sangue, representando a vida que o pecador *perdera*, pecador cuja culpa a vítima arrostava, *era levado* pelo sacerdote *ao lugar santo* e aspergido diante do véu.” *O Grande Conflito*, 417.

Quer dizer; abandonada, ter rendido a possessão de, passar para as mãos de outro. E a plena e simples verdade é que vos é absolutamente impossível perder para sempre uma coisa e ao mesmo tempo ainda a possuir. Se a tendes, não a perdestes. Se a perdestes, então certamente não a tendes. Em verdadeira, religião salvadora, não estamos a tratar de um jogo de palavras, estamos a tratar de realidades. Aquilo que o indivíduo perde ou dá, é entregue nas mãos do sacerdote que o transfere para o santuário no *facto* real.

Mas, este é um ponto muito vital, o nosso grande sumo sacerdote nada tomará de nós pela força, Ele nunca exercerá a menor pressão. Deve ser perdida, abandonada, entregue inteiramente nas Suas mãos e apenas pela completa vontade e inteligente acção do indivíduo.

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há-de servir. Na mudança que se opera quando a alma se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade.” *O Desejado de Todas as Nações*, 450. Portanto, tem que ser de livre vontade. Se houver a menor ligação com esse pecado, a menor influência dele, a menor relutância em o deixar, então Jesus não o tira, nem pode de modo algum tirá-lo de vós. Voltareis de novo, sem perdão e sem purificação. Vireis do santuário exactamente como fostes. Orai então, para que o Senhor opere no vosso obstinado coração e o torne voluntário, até que vos encontreis vindo ardentemente entregar na totalidade essa velha vida pecaminosa. “Não sois capazes de vós mesmos, de sujeitar vossos desígnios e desejos e inclinações à vontade de Deus; mas se estiverdes *‘dispostos a ser tornados voluntários,’* Deus efectuará a obra por vós destruindo mesmo ‘os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo.’ 2 Coríntios 10:5.” *O Maior Discurso de Cristo*, 142.

E tudo isto nos leva ao ponto principal do nosso estudo. O que está envolvido na *confissão aceitável*? À luz daquilo que temos aprendido acerca do serviço do santuário, somos agora capazes de compreender a resposta a esta pergunta. É claramente evidente que o que está envolvido, não é apenas um reconhecimento daquilo que fizemos mas daquilo que somos. E mesmo isto não é tudo, porque se a nossa *confissão* não vai além de um total conhecimento daquilo que fizemos e daquilo que somos, temos ainda essa vida em nós. Devemos não apenas saber, mas definida e positivamente entregar-nos nas mãos de Cristo, de modo que Ele possa tomar tanto a culpa *como a pecaminosidade* e pôr tudo isso no santuário. Nem tudo isto é suficiente. Não só devemos dar tudo, como também receber tudo.



Na obra de Deus nunca há compulsão. Como o pastor do Oriente vai à frente das suas ovelhas enquanto elas alegre e voluntariamente o seguem, também o Senhor guia o caminho, enquanto cada um dos Seus filhos O segue voluntariamente.

Como testemunhado antes, toda uma vida de pecado é evidência segura que qualquer mal em nós é apenas capaz de produzir uma corrente de pecado e que se cessamos de pecar, devemos ter uma vida inteiramente diferente do mal de modo a resistir completamente ao pecado. Quando tivermos confessado aquilo que fizemos e o que somos e tivermos entregue tudo nas mãos de Cristo, pelo Seu maravilhoso poder, Ele, na realidade, tira-o de nós e coloca-o no santuário, e somos deixados limpos, ou como Jesus disse com relação a uma certa mulher, vazia, varrida e adornada. Como tal, somos um vaso que se deve preocupar com os outros sete espíritos, se o Senhor não nos enche com uma nova vida, cuja vida tem o poder para resistir e vencer o pecado.

Então, quando lemos em *Parábolas de Jesus*, 419, 420, este maravilhoso testemunho: “A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e encher o *vácuo* com as graças do Espírito Santo.” Leiamos estas palavras de novo, muito cuidadosamente e vejamos quão plenamente nos é dito que a obra de Cristo não é apenas remover os nossos pecados, mas também encher o *vácuo* assim criado com as graças do Espírito Santo.

Outro testemunho é lido como se segue: “O que está Cristo a fazer no Céu? Está intercedendo por nós. Pela Sua obra o limiar do Céu enche-se com a glória de Deus que brilhará sobre cada alma que abre as janelas da alma para o Céu. Enquanto as orações dos sinceros e contritos ascendem ao Céu, Cristo diz ao Pai: ‘Eu tomarei os seus pecados, para que eles estejam perante Ti inocentes’. Enquanto Ele toma os seus pecados, enche-lhes os corações com a gloriosa luz da verdade e do amor”. *S.D.A. Bible Commentary* 7:930.

Nestes testemunhos é revelada uma verdade muito importante, uma verdade que devemos manter muito claramente na nossa mente, esses testemunhos são apenas a iluminação da obra pelos nossos

pecados como vista à porta do santuário. Na ilustração à porta do santuário vimos que a própria vida do pecador, que era a causa de todo o seu problema, é tirada dele, e, verdadeiramente colocada no santuário. E aqui em *Parábolas de Jesus* a palavra que é usada para descrever o resultado depois do pecado ter sido tirado é a palavra vácuo. A palavra “vácuo” significa um espaço vazio, e é normalmente aplicada a um espaço tornado vazio pela remoção de tudo aquilo que ocupava esse espaço específico. De facto, é impossível dizer que temos um vácuo num certo recipiente enquanto lá permanecer alguma coisa, ainda que seja o próprio ar. Assim o Senhor tão completa e totalmente tira de nós esse aspecto particular da nossa vida pecadora, a qual vimos e da qual nos arrependemos e confessámos que a única palavra que pode descrever o resultado é a palavra “vácuo”.

Agora podemos na verdade dizer que fomos purificados de toda a injustiça que confessámos e entregámos nas mãos do Senhor. Com alegria e satisfação Ele levou tudo, e está agora em segurança à Sua guarda. Mas Ele não pára aqui. Não é suficiente levar a velha vida. Não podemos ser deixados “vazios, varridos e adornados” senão o espírito mau regressa com outros sete companheiros piores do que ele e ocupa o vácuo, de modo que o último estado é pior do que o primeiro. Ver *Mateus* 12:43-45.

Cristo deseja ver a Sua própria imagem ali e não dará ao inimigo oportunidade para voltar de novo. Da mesma maneira como Ele tira a velha vida, também coloca no seu lugar as graças do Espírito Santo. Notai de novo as palavras escritas em *Parábolas de Jesus*, 420: “A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e *encher o vácuo com as graças do Espírito Santo.*”

Pensai no poder e glória que isso significa pois “o Espírito Santo é o sopro da vida espiritual na alma. A comunicação do Espírito é a transmissão da *vida de Cristo*. Reveste o que O recebe com os atributos de Cristo” *O Desejado de Todas as Nações*, 769. E “essa vida *em vós* produzirá o mesmo carácter e manifestará as *mesmas* obras que *n’Ele produziu.*” *O Maior Discurso de Cristo*, 78.

Quão frequentemente temos ouvido falar destas coisas sem conhecermos por nós próprios a *realidade* da experiência descrita. E aqui mesmo queremos declarar que aquilo que é dito nestes testemunhos não é uma forma de falar, mas são *realidades vivas*, e se por fim fordes salvos, *deveis* chegar ao ponto na vossa experiência em que *sabereis* que elas na verdade são reais.

As graças do Espírito Santo apenas podem preencher uma vida onde foi criado o vácuo. Isto é dizer que a nova vida não entra dentro de nós partilhando o espaço com a velha vida mantendo-a sob controlo. Ela só entra *depois* da erradicação da velha vida ter criado espaço para a nova ocupar. Assim a nossa Escritura diz, “encher o *vácuo* com as graças do Espírito Santo”. Leiamos agora um pouco mais em *Parábolas de Jesus*: “Significa iluminação divina e regozijo em Deus. Significa um coração *despojado* do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do evangelho, são cumpridas na vida.”

Não vamos cometer o erro de concluir que as palavras “a glória, a plenitude, a perfeição do plano do evangelho são cumpridas na vida” têm a intenção de transmitir a ideia da completa e absoluta purificação do pecado se obtém na primeira experiência da confissão, de maneira que a pessoa não peca mais, nem necessita mais de confessar. Comparando Escritura com Escritura e compreendendo como nós, o processo de santificação e o serviço do santuário, vemos claramente que estas palavras querem dizer precisamente isto – nada mais e nada menos – que a *glória, a plenitude, a perfeição* do plano do evangelho são cumpridos na vida, *apenas até ao ponto* onde chegou a nossa *compreensão* da pecaminosidade da nossa natureza e ao ver essa pecaminosidade, *confessamos* o que compreendemos, e o afastamos na realidade, *recebendo* para o lugar onde a velha vida estava, a própria vida de Cristo que nos é transmitida pelo poder do Espírito Santo. Mas, até este ponto a obra *está completa.*

“A santidade acha que nada mais há para requerer.” *Parábolas de Jesus*, 163.

Pois esse pecado foi confessado de acordo com os requisitos da confissão *aceitável*, visto que a obra da purificação está completa, o pecador foi purificado de *toda* a sua injustiça nesse ponto. Na

linguagem mais simples possível a Palavra de Deus assim o diz. Portanto, apesar de existirem ainda futuras purificações totais e completas dos pecados que deverão ser por sua vez vistos, arrependidos e confessados, para esta pecaminosidade, esta raiz, esta inclinação para o mal que foi confessada não haverá mais qualquer purificação no crente. Não pode haver, pois ninguém pode encher o que está cheio, ninguém pode completar a plenitude e ninguém pode aperfeiçoar a perfeição.

Não deve compreender-se isto como tendo o significado que apesar das velhas teorias e ideias que causavam o problema e que lá estavam até agora, que o diabo não mais procurará usá-las para sua vantagem a fim de activar de novo os sentimentos e espírito errados. Nem nega o facto que ele *pode* ser bem-sucedido em gerar novos problemas, mas deve compreender-se que os novos problemas não serão os antigos restaurados, pois eles terão sido levados para o santuário no serviço da confissão *aceitável*.

É de salientar que o Senhor ao purificar o espírito de rivalidade e competição que os discípulos tinham, sem ser capaz de corrigir nessa altura as teorias erradas na base de tudo isso, quando os discípulos se encontraram de novo em dificuldade não foi por causa do espírito de rivalidade e competição. Agora, em vez disso, veio o espírito de temor que resultou em negar e trair o Senhor na altura em que Ele mais precisava deles.

Podemos alegrar-nos por ver que chegou por fim o tempo em que eles foram libertados até da própria ideia que estava na base de tudo, e então nunca mais os encontramos falhando nesses problemas.

Receamos, que muitos estejam esperando uma grande obra a ser feita no futuro que os libertará do poder do pecado na vida. Isto é tomar uma posição muito perigosa pois nenhuma grande obra será feita no futuro quando a plenitude do poder purificador do Espírito está agora à disposição. “O Senhor deseja Seu povo sadio na fé — não ignorante da grande salvação que tão abundantemente lhes é provida. Não devem olhar ao futuro, pensando que em algum tempo vindouro uma grande obra seja feita em seu favor, pois a obra está agora completa.” *Mensagens Escolhidas* 1:394, 395.

Por isso é que *se* nós tendo visto nas nossas vidas um certo espírito maligno, como, por exemplo, ódio contra o nosso irmão, chegarmos ao santuário e confessarmos não apenas o que fizemos, mas o que somos; entregamos a Jesus a própria vida pecaminosa com a qual chegamos para receber d’Ele a nova vida e totalmente diferente, regressamos desse santuário, não a mesma pessoa que foi lá, mas nessas áreas em que a purificação foi efectuada, voltamos uma pessoa totalmente diferente. Nessas áreas, seremos uma pessoa tão completamente diferente e tão totalmente oposta, que na área purificada, a tentação não mais encontrará resposta, enquanto sempre pela fé permaneceremos na posse do dom abençoado. Aprenderemos por experiência que a tentação vinda de fora, que antes encontrava resposta tão pronta e rápida, não encontrará agora qualquer resposta. Aprenderemos pela experiência a verdade destas maravilhosas palavras da Escritura. “Muita paz têm os que amam a Tua lei, e *nada* (nem coisa alguma) os ofenderá.” *Salmos* 119:165, King James.

Alguns imaginarão que isto significa que estamos agora livres da tentação e que não mais podemos cair em pecado nesse pormenor particular. Isto não é verdade. Conservai em mente que foi a uma Eva no jardim do Éden que não tinha qualquer tendência para o mal, nenhum traço de pecaminosidade, nem inclinação carnal, a quem o diabo levou a tentação com tanta subtileza e poder que a fez cair. Portanto, ainda que tenhamos sido totalmente purificados de uma certa tendência para o mal, o diabo ainda tem caminhos e meios para nos tentar e trair. Existirão batalhas a serem travadas, lutas pelas quais passar, mas não será a luta de alguém que procura obter a vitória sobre o diabo, mas sim a luta para *manter* a vitória que nos foi dada como um dom gratuito de Deus.

Para compreender isto melhor um estudo detalhado da tentação de Jesus é de grande valor, mas não temos espaço neste estudo para o fazer. Procuraremos fazê-lo num outro estudo publicado mais tarde.

Mas por agora consideraremos o que acontece à medida que a alma purificada volta de novo para as ocupações normais da vida. Não é necessário dizer que o diabo se encontrará com ela pelo caminho e procurará com toda a sua ímpia subtileza pressioná-la nas suas tentações tal como fez

tantas vezes no passado. Ora, toda a tentação é um ponto de escolha no qual ela decide se permanecerá com o Senhor ou se trocará de posição e irá com o diabo.

Se, em simples, completa e viva fé sabemos que o Senhor quebrou o poder do pecado, tirando a própria vida pecaminosa de nós, voltamos as costas decididamente ao diabo e às suas tentações, para fazer o que é recto, então ele é forçado a fugir de nós e seguimos o nosso caminho regozijando-nos, cheios de alegria na certeza do poder do evangelho de Jesus Cristo.

Ora, é óbvio que um filho de Deus que lutou com o seu problema do pecado e finalmente se rendeu voluntariamente, não vai tomar uma simples decisão de ficar do lado do diabo nem é preciso, para ficar novamente sob o seu domínio. “Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-lhe sob o poder. Basta negligenciarmos fazer aliança com o reino da luz. Se não cooperarmos com os instrumentos celestes, Satanás tomará posse do coração e torná-lo-á morada sua.” *O Desejado de Todas as Nações*, 307.

Portanto, se nós falharmos em tomar uma clara e positiva decisão pelo Senhor na hora da tentação, tomamos na realidade decisão pelo mal. O fracasso em tomar a decisão pela justiça é falhar em exercer a vontade sobre tudo aquilo que está pendente neste ponto. O resultado será que o grandioso poder de Deus que está em nós, será incapaz de operar para nossa salvação e a carne ficará livre para se manifestar em más acções. O pecado aparecerá novamente na vida, pelo qual haverá de novo necessidade para ser feita uma confissão *aceitável*. Esta deve ser feita do mesmo modo como antes, porque falhar em tomar a decisão certa dá ao diabo a oportunidade de desenvolver a vida de um espírito mau em nós e isto tem que ser purificado como antes. O Senhor limpar-nos-á de novo tal como fez anteriormente. Ser vencido pelo diabo não quer dizer que perdemos a nossa vida eterna. Esta é mantida a não ser que recusemos deliberadamente arrependê-nos quando o pecado nos é mostrado. É importante compreender-se também, que o aparecimento do pecado na vida do cristão não é prova que não tenha sido perdoado e purificado desse pecado anteriormente. De modo nenhum. Nunca deve ser ensinado que um cristão não pode cometer pecado. Deve recordar-se que foi um Lúcifer, perfeito no Céu, que se encheu de orgulho e que foi um casal, perfeito no Éden, que do mesmo modo caiu em pecado. Muito mais então, temos nós o perigo real, com os nossos enfraquecidos poderes físicos, mentais e morais, de podermos cair na tentação.

Nem quer dizer que vamos estar falhando e caindo, pecando e confessando continuamente. Pelo contrário, verificareis que o diabo não tem poder sobre vós e em muitas coisas estareis selados contra esse pecado, que certamente não mais o cometeis e em todas as coisas sabereis que não há necessidade de pecar, porque o poder do evangelho é tão incomensuravelmente maior do que o poder do diabo.

Para tornar clara, de um modo prático, a diferença entre a confissão *aceitável* e uma confissão que não é aceitável a Deus, faremos uma comparação entre os dois modos como um homem pode ir perante Deus.

Já foi já explicado o caso do homem que faz uma confissão *aceitável*. Tomaremos agora o caso do homem que vem da maneira como a vasta maioria das pessoas vêm a Deus em busca do perdão. Na igreja da qual é membro, foi-lhe pregado uma e outra vez a necessidade de deixar de *fazer o mal*, sem nunca lhe ter sido ensinado que *pratica* o mal por causa de um problema básico interior, mesmo uma *vida* maligna. Ele sabe que há acções erradas na sua vida, e uma convicção muito real estabelece no seu coração que estas coisas estão erradas e precisam de ser perdoadas. Assim, ele vai ao Senhor, ajoelha-se em oração e confessa diligente e mesmo honestamente aquilo que tem feito, reconhece que é pecado, e pede ao Senhor para lhe perdoar isso com o pedido que o Senhor o ajude a não o fazer de novo.

Desde logo deve ser visto que em toda a sua confissão não mencionou qual é o problema real. Todo o foco foi colocado sobre aquilo que fez, sem reconhecer o facto que o problema real é aquilo *que ele é*. Enquanto confessava que agiu com ódio contra seu irmão, não confessou que há um *espírito* de ódio dentro de si; não confessou ao Senhor que na verdade é um homicida porque *tem o ódio* como natureza.

É oportuno fazer aqui a pergunta: se ele nem sequer conhecia a existência do problema real, que é esta vida no seu interior, então seria possível tê-la oferecido ao Senhor para que a tirasse de si? É evidente que isso seria praticamente impossível.

Se então não a ofereceu ao Senhor para que fosse tirada de si, pode o Senhor tirá-la? De novo a resposta é muito decididamente que Ele não o podia fazer, pois o Senhor nunca tirará qualquer coisa de nós roubando-a secretamente. Devemos saber qual é a nossa necessidade e temos que tomar essa decisão se queremos ou não, e então devemos oferecê-lo ao Senhor antes d'Ele o tirar de nós. A vida que possuímos é nossa propriedade pessoal, e o Senhor nunca tomará aquilo que pertence a outra pessoa, a não ser que a pessoa na realidade Lhe faça a entrega. Se o Senhor agisse de outro modo seria um ladrão, mas sendo o Senhor *Justiça nossa*, não pode fazer, nem nunca fará coisa semelhante.

A única Pessoa que pode tirar o mal das nossas vidas é o Senhor Justiça nossa, de modo que se o caminho não for aberto para Ele o fazer, não pode tirá-lo. Então onde é que esse pecado permanece? Apesar do facto do homem ter feito uma confissão, esse pecado está ainda nele como se não o tivesse confessado. Está ali, não porque falhasse em fazer uma confissão, mas porque falhou em fazer uma confissão *aceitável*.

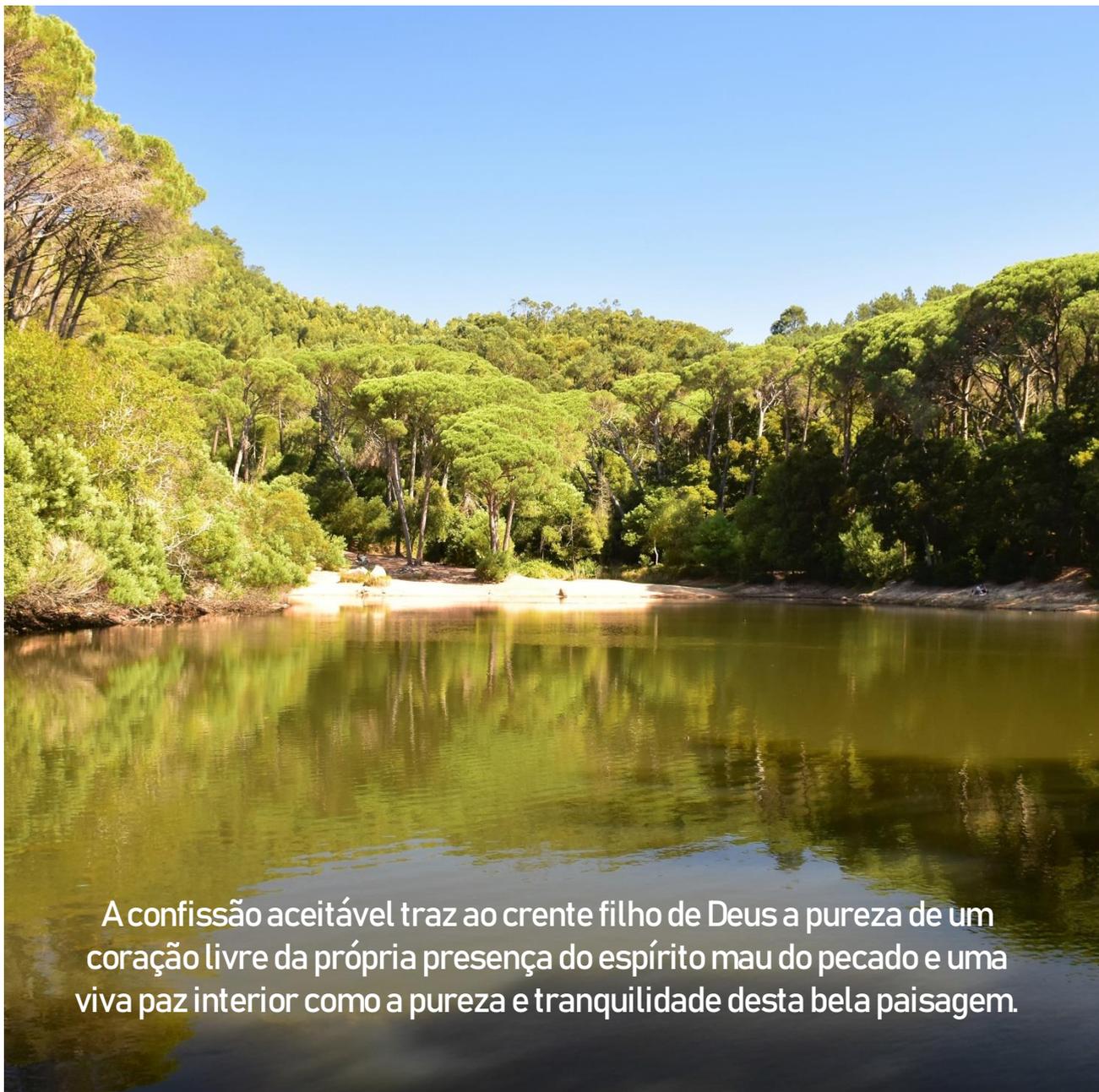
Se o pecado está ainda no homem, então voltará da confissão a mesma pessoa que foi para ela. A mesma vida má está dentro dele, de modo que quando a tentação vier encontrará a mesma resposta, com a excepção de que a resposta será agora mais forte por causa do pecado que cometeu antes. Toda a vez que se comete pecado fortalece-se o seu poder na vida, tal como um músculo sob exercício se fortalece com o uso. Assim cairá de novo no mesmo pecado, para vir a arrepender-se, voltar a pecar de novo, e assim arrepender-se novamente. Na própria natureza da confissão inadequada que fez, uma confissão que falhou mesmo na raiz do problema, está a garantia de que nesta experiência nada mais pode acontecer a não ser pecar e arrepender, pecar e arrepender, sempre do mesmo pecado, uma e outra vez, ano após ano, até que por fim acaba por aprender o poder da confissão *aceitável*.

O resultado final da futilidade da rotina de pecar e confessar, que se levanta desse tipo predominante de confissão não aceitável a Deus, é a degeneração numa religião que nada mais é do que uma forma destituída de vida. O pobre pecador chega a aceitar a ideia, que a vida cristã está cheia de constante derrota da qual ele não pode esperar libertação real nesta vida. O pior de tudo é a sua crença, do modo como lhe foi ensinada pelos seus mestres, que está perdoado e tem a certeza do reino, quando de facto não foi perdoado, nem está pronto para o reino. Foi mostrado que este tipo de confissão não produz purificação e portanto, também não traz o perdão.

É muito importante que se veja que a confissão não é aceitável ao Senhor simplesmente porque o Senhor *decretou* que fosse desse modo, mas porque na própria natureza do caso, o modo pelo qual o homem fez a sua confissão torna impossível ao Senhor fazer o que precisa ser feito. É importante que isto seja compreendido.

Anteriormente neste estudo foi declarado que na própria natureza das coisas o Senhor não perdoaria uma pessoa se ao mesmo tempo não a pudesse purificar. Será muito importante nesta fase do estudo ver por que motivo isto tem que ser assim.

Vamos considerar o caso de um homem que passou toda a sua vida confessando, do modo agora descrito, sem a confissão ser de maneira a remover dele a própria pecaminosidade. Este homem acredita que o seu pecado foi perdoado e se assim é, então com certeza não está sob condenação por causa desse pecado, e, por isso, não pode ser punido por ele. Então, temos a situação em que este homem foi perdoado *se* a sua fé for correcta, enquanto ao mesmo tempo tem o verdadeiro pecado pelo qual foi perdoado, ainda dentro de si.



A confissão aceitável traz ao crente filho de Deus a pureza de um coração livre da própria presença do espírito mau do pecado e uma viva paz interior como a pureza e tranquilidade desta bela paisagem.

Então chega ao grande dia do julgamento, e quando os livros são abertos no seu nome, o Senhor vê que há ainda pecado neste homem, o qual não temos dificuldade em ver como sendo pecado conhecido, pois ele confessou-o continuamente. Ora, o Senhor não pode admitir pecado no Céu. O único meio pelo qual o pecado pode ser removido dele, nomeadamente pelo serviço do santuário, não mais é válido para esse propósito pois o seu serviço acabou. Portanto, o pecado que está ainda nele deve necessariamente permanecer consigo para sempre. Muito correcta e naturalmente o Senhor declara que esse homem não pode entrar no Céu, mas no momento em que este veredicto é dado, o homem corajosamente acena o seu perdão perante o Senhor e clama com justiça que Ele não o pode condenar por um pecado pelo qual foi perdoado não importando onde o pecado possa estar.

Qualquer pessoa com um tipo de entendimento legalista do caso veria rapidamente que isto colocaria Deus numa situação impossível, uma situação para a qual não haveria qualquer solução. El encontrar-se-ia na situação em que não podia admitir o homem, porque fazê-lo seria readmitir pecado no Céu e tornaria ridículo ter expulsado o pecado do reino no primeiro caso. Contudo, por outro lado Ele não podia negar a entrada do homem por conta dos pecados para os quais lhe havia

sido concedido o perdão. O santuário não pode ser reaberto para resolver o problema deste homem, então é uma situação para a qual não há absolutamente qualquer saída.

O Senhor é muito sábio para permitir ser colocado numa situação como esta. Ele compreende exactamente o que está fazendo e as totais implicações do que está a fazer, e portanto, podemos saber que Ele nunca permitirá colocar-Se numa situação desta natureza.

Por outro lado, se o Senhor recusasse conceder o perdão até a pessoa estar limpa do pecado, não havia problema. O grande dia do julgamento vem e os livros são abertos. Agora é visto que o indivíduo em questão deixou realmente os pecados e está limpo através do poder de Cristo que está nele. O Senhor declara que ele está apto para o Céu ao passo que o homem é capaz de produzir o título para o Céu que é o perdão livremente concedido. Neste caso não há problema e mostra tão claramente como pode ser mostrado, que o Senhor não pode na própria natureza do caso conceder o perdão sem ao mesmo tempo tirar o verdadeiro pecado do indivíduo.

Semelhantemente este estudo mostra porque é que a chuva serôdia ainda não veio à igreja expectante. A chuva serôdia vem como resultado da plenitude da obra do Espírito na vida. Mas antes que o Espírito possa operar *pela* pessoa Ele tem primeiro que operar *na* pessoa e depois habitar *dentro* dela.

A primeira obra do Espírito é operar na alma exteriormente convencendo do pecado. Apenas quando isto é feito até ao ponto em que a pessoa faz uma confissão verdadeiramente *aceitável*, pode o Espírito habitar *dentro* dela. Quando o Espírito habita *na* pessoa pela primeira vez, então esta é a primeira entrada do Espírito quando Ele enche o vácuo criado pela expulsão da vida pecaminosa que estava ali antes. Agora, à medida que o tempo passa, o Espírito entra cada vez mais enquanto a obra da purificação prossegue *mais e mais* profundamente.

Apenas aqueles em quem o Espírito habita, podem alguma vez ser usados por Ele para dar testemunho do evangelho. Ao dar esse testemunho, o Espírito Santo flui *através* do indivíduo e *esse* é o aspecto do ministério do Espírito que muito vulgarmente se pensa como sendo estar cheio do Espírito. Mas a nova vida na alma é o derramamento básico do Espírito, ao passo que o outro é a emanção.

O derramamento da chuva serôdia é a plenitude da entrada e a conseqüente emanção, mas essa plenitude não vem a menos que tenha ocorrido uma sucessão de recebimentos antes. Mas, se a pessoa nunca teve a primeira entrada, como pode ter a sua plenitude, e se nunca aprendeu a confissão *aceitável*, então como pode ter, mesmo essa primeira entrada?

Em 1888, o Senhor, através dos Seus servos, os pastores Waggoner e Jones, ofereceu à igreja o caminho da confissão *aceitável* mas ela não a aceitou e ao passarem os anos desejava a chuva serôdia, mas não aceitaram a mensagem que a traria a primeira purificação. Sendo assim, certamente não podia nunca receber a plenitude da purificação na chuva serôdia. Mas, quando houver um povo sobre esta Terra que aprendeu pela experiência o poder da confissão *aceitável* e, sabendo isso, vai de vitória purificadora em vitória purificadora, então a chuva serôdia virá em tempo oportuno e a obra finalmente acabará.

Vamos reiterar a grande e solene verdade que se a confissão não envolve um conhecimento, e uma entrega tanto daquilo que fazemos como daquilo que somos, e um simples recebimento pela fé, o preenchimento do vácuo assim criado, pelos atributos vivos da justiça de Cristo, então não temos tesouro; não temos salvação; nem mesmo perdão do pecado.

Lendo em *Parábolas de Jesus*, 112, 113 temos estas palavras: “Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.” João 3:3. Conjecturará e imaginará, mas sem os olhos da fé, não pode ver o tesouro. Cristo deu a Sua vida para nos assegurar esse tesouro inestimável; porém sem regeneração pela fé em Seu sangue, não há *remissão* de pecados, *nem tesouro* algum para a alma moribunda”.

Este testemunho repete claramente a mensagem de *1 João* 1:9 que tão claramente ensina que sem purificação não pode haver perdão. Assim, também este diz que sem regeneração, que é nada menos

que o recebimento da nova vida *no lugar da* velha, não há *remissão* do pecado *nem tesouro* para qualquer alma à beira da morte.

Tudo Isto à Luz do Julgamento

O significado real e a importância de tudo isto torna-se muito visível quando lhe damos consideração à luz do julgamento vindouro. Em *1 Timóteo* 5:24 Paulo tem isto a dizer: “Os pecados de alguns homens são manifestos, precedendo o juízo; e em alguns manifestam-se depois.” Todo o propósito do serviço do santuário é o afastamento do pecado como está escrito em *O Grande Conflito*, 416. “Remissão, ou acto de lançar fora o pecado, é a obra a efectuar-se”, e devemos considerar o facto que lançar fora o pecado é lançá-lo fora primeiramente do templo da alma do indivíduo. E é lançar fora o pecado, não apenas a culpa dele, mas o próprio pecado, porque a mera desculpa de um homem nada realiza.

Um homem que fosse perdoado, se isso fosse possível, e deixado sem purificação, seria tão pecador como era antes. Um espinheiro, ainda que perdoado por produzir espinhos, rasgar as nossas vestes e ser um incómodo, continuaria a ser um espinheiro e um incómodo enquanto continuasse a existir. Devemos compreender que remissão ou afastamento do pecado não está completo até que este seja por fim destruído juntamente com Satanás, o seu originador, nos fogos da destruição eterna. Conclui-se, então, que a remissão dos pecados envolve três fases.

- Primeiro do indivíduo para o santuário;
- Segundo do santuário para o bode expiatório;
- Em terceiro e definitivamente sobre o bode expiatório para a terra desabitada e fogos da eterna destruição.



Um leão perdoado continua ser leão. É preciso mais do que o perdão para mudar a sua natureza de modo que nunca mais despedace outros animais. Assim é com o coração mau do homem.

É necessário agora tornar muito claro, o que é a purificação do santuário. Faremos isto resumidamente. Em *O Grande Conflito*, 416, é feita a pergunta: “Que é a purificação do santuário?” Tendo feito essa pergunta é dada a resposta. Em primeiro lugar é discutido o modo pelo qual o pecado é transferido do indivíduo para o santuário, como já foi notificado na primeira parte deste estudo. E depois tendo descrito a transacção diária, pela qual o pecado, ou seja, a vida pecaminosa, a inclinação para o próprio mal, é tirada do crente e colocada no santuário. “Esta era a obra que, dia após dia, se prolongava por todo o ano. Os pecados de Israel eram assim transferidos para o santuário, e uma obra especial se tornava necessária para a sua remoção.” *O Grande Conflito*, 417. Observai muito cuidadosamente que a purificação do santuário que é, evidentemente, a obra da expiação final, o apagamento do pecado, é a remoção do santuário do pecado que foi colocado ali durante o serviço anual.

Em lado algum, talvez, é isto melhor descrito do que no pequeno livro *The Consecrated Way to Christian Perfection* por Alonzo T. Jones nas páginas 117 e 118. Notai o que este escritor tem a dizer sobre a sua definição do que é a purificação do santuário. “A purificação do santuário, como santuário em si mesmo, era o *retirar e afastar do santuário* todas as transgressões do povo, que pelo serviço dos sacerdotes haviam sido levadas para o santuário durante o serviço anual.” Isso quer dizer que qualquer alteração feita nos livros de registo no santuário celestial não é o apagamento ou remoção do pecado, porque o apagamento ou remoção do pecado, é a remoção do próprio pecado que estava no santuário que não pode ser posto em livros, que foi levado para o santuário pelas confissões do povo e pelo ministério dos sacerdotes.

Um momento de reflexão mostrar-nos-á que esta é uma distinta e separada entidade dos registos escritos nos livros. Notai estas diferenças. Enquanto os pecados pessoais vão para o santuário apenas pela confissão, os registos nos livros são feitos no exacto momento em que o indivíduo peca, quer ele venha a confessá-los ou não. É assim que alguns grandes pecadores deste mundo tal como Nero, certamente têm nos livros de registo um relato total dos maus actos das suas vidas, mas não têm qualquer pecado no santuário. Segundo, enquanto a obra de registar nos livros é do anjo que escreve, a obra de transferir o pecado é a obra dos ministros, ou seja, dos sacerdotes. Deve ser portanto, claramente compreendido e visto que os livros de registo, são a escrituração dos livros do Céu e mantêm um relato fiel do que acontece tanto na vida do indivíduo ao cometer o pecado, como na vida do indivíduo ao ser purificado desse pecado. Mas não constitui a limpeza do próprio pecado e quando na expiação final, estes livros são actualizados para registar o facto do pecado ter sido tirado do santuário, essa actualização não é o desaparecimento ou remoção do próprio pecado. Porque como lemos claramente em *O Grande Conflito* e de A. T. Jones, o apagamento do pecado é tirar do santuário aquilo que ali foi colocado, não pelos anjos escrivães mas pela confissão e ministério do sacerdote.

Vamos citar de novo as palavras de *O Grande Conflito*, 420: “Como antigamente eram os pecados do povo colocados, pela fé, sobre a oferta pelo pecado, e, mediante o sangue desta, transferidos simbolicamente para o santuário terrestre, assim em o novo concerto, os pecados dos que se arrependem são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos, *de facto*, para o santuário celeste. E como a purificação típica do santuário terrestre se efectuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluíra, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efectuar-se pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão registados.” Notai agora que as palavras “remoção” e “apagamento” são sinónimas, ou como A. T. Jones o colocou em *The Consecrated Way to Christian Perfection*: “A purificação do santuário, como santuário em si mesmo, era o *retirar e afastar do santuário* todas as transgressões do povo que pelo serviço dos sacerdotes haviam sido levadas para o santuário durante o serviço anual”.

Ora os termos “apagamento” e “purificação do santuário” são sinónimos e tanto no Espírito de Profecia como nos escritos de A. T. Jones as palavras, “remover” ou “remoção” e “retirar e afastar” são as usadas para descrever o que significa apagar o pecado do santuário celestial.

Conclui-se então que os únicos pecados tirados do santuário e colocados sobre o bode expiatório são os pecados que foram enviados antecipadamente pelo indivíduo para julgamento, porque em nenhum lugar na Palavra de Deus ou no tipo do serviço do santuário está a menor indicação de algum pecado seja directamente tirado de qualquer pessoa e colocado no bode expiatório. Ele tem de ser primeiramente enviado e colocado no santuário a fim de aguardar o julgamento em que a grande decisão deve ser tomada acerca do que acontecerá finalmente a esse pecado.

Quando o juízo se assentar, a grande interrogação é esta — o que deve ser feito com a acumulação de pecado e poluição que está no santuário? Há apenas duas alternativas, uma é colocar os pecados de novo sobre a cabeça do indivíduo por causa da sua infidelidade, a outra, colocá-lo sobre o bode emissário, que deve levar a penalidade final para a destruição definitiva. Para determinar esta decisão, os livros de registo são abertos e examinados e as vidas de todos os que têm professado o nome de Cristo passam em revista para um exame e veredicto final; e se é verificado que o crente enviou o seu pecado, isto é, a sua própria vida pecaminosa a julgamento tão cedo e completamente quanto lhe foi revelado, então, se não há pecado conhecido nele o veredicto é que os seus pecados são colocados sobre o bode expiatório, e então é considerado digno da vida eterna. No caso daqueles que foram infiéis, que ainda têm pecado conhecido em si, então, quaisquer pecados que possam ter enviado anteriormente para julgamento são de novo colocados sobre as suas cabeças.

AS DISTINÇÕES ENTRE O REGISTO DO PECADO E O PRÓPRIO PECADO DEVEM SER MANTIDAS MUITO CLARAS

É efectuado um registo *pelo anjo escrivão*.
O pecado é transferido *pelo nosso Grande Sumo-Sacerdote*.

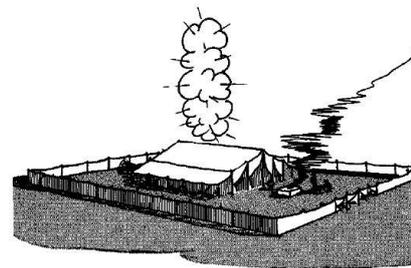


O registo é feito no momento em que o pecado é cometido quer confessemos ou não.

O pecado só é transferido quando é confessado e nunca se não houver confissão.

O registo é apenas o sistema de registo do Céu.
O pecado é aquilo que tem de ser tratado.
O problema é o pecado e não o registo.

O registo não polui, nem o pecador, nem o santuário.
O pecado polui em primeiro lugar o pecador,
E depois o santuário, nesta ordem.



PORTANTO, É O PECADO E NÃO O REGISTO QUE TEM DE SER REMOVIDO PARA QUE SE EFECTUE A PURIFICAÇÃO, PRIMEIRAMENTE DO PENITENTE E DEPOIS DO SANTUÁRIO EM SI MESMO.

Examinemos agora a situação como ela se apresenta com alguém que não aprendeu o que a verdadeira confissão realmente é. É um professo filho de Deus. Aceitou o nome de Jesus. Vive fielmente todos os requisitos exteriores e cerimónias da lei, isto é, repousa no dia de sábado, paga o seu dízimo fielmente, vai à igreja semana após semana e sustenta o serviço da igreja, etc. mas peca e sabe que fez algo errado. A sua consciência o diz, e odeia-se a si mesmo por fazer uma coisa dessas, e com verdadeira penitência e verdadeira tristeza de coração vem e ajoelha-se perante Deus para suplicar o perdão por isso, e fielmente promete a Deus que não voltará a fazê-lo novamente, e pede a Deus que o ajude pela Sua graça para que se torne vencedor neste ponto.

É precisamente aqui que ele comete o seu terrível erro em não ver que pedir perdão por aquilo que fez sem desistir daquilo que é, é inútil, e não lhe trará qualquer purificação do pecado. Falhou em ver que Deus nunca pode responder à oração, “Senhor ajuda-me a fazer o que está certo” pois, a parte dele que é o problema nunca pode fazer aquilo que está certo por causa da sua própria natureza.

Em vez disso a sua oração devia ser: “Senhor eu reconheço que este espírito que está em mim, este concupiscente desejo por aquilo que é mau, é uma raiz de dificuldades e que deve ser limpa de mim. Aqui está ela Senhor! Eu não a quero. Toma-a! Para que eu possa receber em seu lugar a nova vida e assim viver em obediência a todos os mandamentos”.

Falhar em ver e compreender isso, é falhar em fazer uma confissão que é verdadeiramente *aceitável* a Deus e a pessoa vai de novo para o seu trabalho muito satisfeita por ter sido perdoada, mas o próprio pecado que devia ter sido enviado para o santuário, a fim de se livrar dele, trá-lo de novo consigo. Portanto, em vez de estar no santuário perante julgamento, *o pecado está ainda nela*. Isso significa que toda a intenção e propósito do santuário — que é a remissão ou expulsão do pecado — nem sequer começou. Portanto, nem a sua preparação para o julgamento começou também. Contudo, é um facto que muitos do professo povo de Deus que fazem apenas este caminho do santuário crêem plenamente que os seus pecados são perdoados e que se estão a preparar para o vindouro Advento do Senhor. Oh! Possam esses despertar antes que seja demasiado tarde. É uma pequena maravilha que a caneta da inspiração tenha escrito o alarme: “É um terrível facto que muitos se estão guiando numa falsa esperança”. *Testimonies* 1:188.

Pode ser ainda que exercendo o poder da vontade, ele possa pelo resto da sua vida não mais cometer esse acto de pecado. Ou pode ser que a posição que agora tenha lhe o impeça de fazer certas coisas pecaminosas. Mas, esse cessar do acto do pecado sob a situação em que a vida desse pecado está ainda nele, não o salvará no julgamento. Não pode, pela simples razão que o julgamento está relacionado com o impedimento de qualquer nova entrada do pecado no Céu. Por esta razão, o julgamento *é um exame do carácter*, ou seja do que nós somos. “Como o fogo revela a diferença entre ouro, prata, e pedras preciosas e madeira, palha e restolho, também o dia do julgamento *testará o carácter*, mostrando a diferença entre o carácter formado à imagem de Cristo e o carácter formado à semelhança do coração egoísta.” *The Review and Herald*, 11 de Dezembro de 1900.

Por isso no julgamento a grande pergunta será: “Onde está o pecado?” Se no exame se verificar que ainda há pecado *no* indivíduo, então, na própria natureza da situação é impossível essa pessoa jamais entrar no Céu. Uma rápida reflexão provará isto. Uma vez iniciado o julgamento, no caso de qualquer indivíduo, então, o único meio pelo qual o pecado pode ser tirado do indivíduo e colocado no santuário não mais é válido. Todas as portas estão fechadas para isso. Portanto, qualquer pecado que ainda esteja nele, ali deve permanecer como parte dele para sempre. Onde quer que ele vá esse pecado também tem que ir, porque não é apenas uma parte dele, mas é o que ele próprio é.

Sabemos que nenhum pecado pode entrar no Céu, portanto, o pecador também não pode. Deus é deixado sem qualquer recurso senão deixá-lo à sua própria sorte, todo o pecado já foi enviado para o santuário e pronunciado sobre ele a triste sentença: “Quem está sujo, suje-se ainda.”

Hoje o Deus do Céu está a trabalhar com os anjos e o Espírito Santo, e o Seu Filho para levar à preparação de um povo que passe no julgamento. Há muitos anos esta obra está em curso, e muitas vezes tem vindo às mentes das almas honestas a questão por que razão tem o julgamento sido atrasado tanto tempo.

Certamente não terá sido pela falta de diligente esforço da parte de um largo número de pessoas que guardam cada detalhe da pura lei. Há pessoas hoje no mundo que estão a estudar a lei com cuidado metucioso, e tudo o que se tem a fazer é mostrar-lhes alguma nova exigência, e cumpri-la-ão, ainda que isso as leve à morte. Tudo isto é muito recomendável. A lei deve ser guardada até ao seu mais pequeno pormenor.

Porém, a não ser que compreendamos o facto de que a pecaminosidade deve ser arrancada da própria natureza do homem, a não ser que compreendamos as simples condições da verdadeira e *aceitável* confissão de modo que Deus possa colocar no vácuo uma nova vida no lugar da velha, então a pecaminosidade continuará em nós e as nossas boas obras não terão mais valor para nós do que as dos judeus nos dias de Cristo. Quando o juízo se assentar e forem tomadas as eternas decisões, dizemos: “Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsámos demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas?” a resposta virá: “*Nunca* vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” *Mateus 7:22, 23*.

Hoje, como nunca antes, devemos aprender com uma viva, prática e efectiva experiência o poder da confissão *aceitável*. A promessa está presente: “Se confessarmos os nossos pecados Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”, e nada há mais certo, nada mais seguro do que, se verdadeiramente confessarmos, Ele certamente nos perdoará na totalidade e inteiramente nos purificará de toda a injustiça. A promessa é que Ele purificará de *toda* a injustiça, e isso é precisamente o que isto significa.

Seria possível, se o espaço o permitisse, contar história após história das experiências do povo desta era e geração, que tendo aprendido o emocionante simples segredo da confissão *aceitável*, o seguiram e viram operar nas suas vidas.

Uma boa irmã em cuja vida estava o poderoso atributo de um forte sentido de justiça viu-se irada e ofendida por causa do modo como certas pessoas tratavam o seu marido e a ela mesma. E ela expressava os seus sentimentos em termos variáveis à medida que cada incidente se passava. Sentia-se muito convicta acerca do aparecimento dos seus sentimentos e expressões, e de vez em quando confessava essas coisas e pedia a Deus para lhe dar vitória sobre elas. Mas para sua surpresa, sempre que um novo incidente ocorria, os mesmos sentimentos antigos apareciam.

Então, teve conhecimento da simples verdade da confissão *aceitável* e ela abordou Deus *de* uma nova maneira, e suplicando pela promessa, confessou não apenas o que tinha feito mas o que era, e pediu a Deus para lhe tirar para sempre essas respostas e sentimentos. Tudo isto ela fez em simples confiança e seguiu o seu caminho calmamente acreditando que Deus tinha feito o que lhe prometeu, porque esta é a vitória da fé, como está escrito: “Se crerdes na promessa de que *estais* perdoados e purificados — Deus transformará a vossa fé em realidade; sereis curados, tão certamente como o parálítico a quem Jesus deu a força para caminhar quando acreditou na sua cura. Assim é, desde que o creais.” *Aos Pés de Cristo, 55*.

Passou o tempo, e então, um dia, de novo a situação se levantou em que as mesmas pessoas trataram o marido ainda mais injusta e severamente neste incidente do que em todos os outros juntos. Certamente houve uma experiência de choque, mas não houve reacção, e para seu agradecimento e gratidão a Deus, ela compreendeu que onde ela sempre se levantava com sentimentos de ira vingativa, desta vez nada houve a não ser um sentimento de piedade e compaixão pelas almas daqueles que trataram tão injustamente o seu companheiro.

Também podia contar-vos a história de uma certa pessoa que se tornou convicta com relação a uma certa indulgência de apetite. Ora, quanto ao apetite em si, o desejo natural de comer e a tentação permanente de satisfazer esse apetite com coisas agradáveis, Deus não o tirará da nossa natureza, pois isso faz parte da natureza humana, e em toda esta purificação, estamos a falar da purificação não da carne mas da alma. Uma distinção muito clara deve ser traçada entre aquilo que pertence às áreas características da vida da alma e aquilo que é meramente a nossa vida humana.

Este irmão em particular, tendo-se tornado convicto acerca deste desejo carnal, esta indulgência com o apetite, este gosto particular, ou tendência particular para este apetite, determinou pôr este

elemento de lado e não mais ter parte com ele. Desde esse dia, nunca mais o fez. Mas de cada vez que ia ao supermercado e passava pela prateleira onde estava esta comida especial, sentia que lhe crescia água na boca, uma e outra vez, por essa comida em particular. Contudo, este homem teve uma experiência viva e real nas coisas da justiça, e obteve a vitória sobre muitas outras coisas, mas ainda tinha que aprender mais especificamente a confissão *aceitável*.

Um dia estava sentado a ouvir o pregador dar este estudo no qual a natureza da confissão *aceitável* estava a ser apresentada, e compreendeu que embora não tivesse cometido mais esse acto nem esperasse ou tencionasse fazê-lo de novo, o pecado estava na mesma dentro de si. A inclinação para ele, a resposta para essa ansiedade, o desejo daquilo, por outras palavras, essa parte da sua vida que era a resposta pecaminosa a essa coisa, estava ainda nele e com consternação imaginou-se no julgamento, e quando a lei olhou para aquele pecado, não foi encontrado no santuário mas ainda nele, quando era demasiado tarde para o enviar antecipadamente a julgamento.

Mas agora, com gratidão e esperança no seu coração, foi ao santuário e ali pediu a Deus para tirar isso da sua vida, apagá-lo da sua natureza e levá-lo para o santuário a fim de ser julgado. Agora tem um emocionante testemunho para contar, sempre que passa por essa prateleira do supermercado, quando tem que ir fazer compras, não há resposta, não cresce a água na boca, não há desejo, mas um maravilhoso sentido de purificação, vitória e separação dessa coisa. Contudo, sabe que essa obra apenas começou, que bem no fundo da sua vida, estão escondidas fontes do mal, que por sua vez devem ser eliminadas para serem enviadas de antemão a julgamento a fim de por sua vez, não mais fazerem parte dele — a não ser que perca a sua fé e permita a Satanás reconquistar o acesso à sua alma — enquanto está a receber do Senhor qualidades celestiais para encher o vácuo criado pela purificação do mal que ali estava antes.

O evangelho é o *poder de Deus* para salvar do pecado, e para aqueles que, compreendendo com fé simples o poder de Deus para salvar, vêm e verdadeiramente confessam tanto o mal que têm feito como aquilo que são, e entregam tudo nas mãos de Deus, e no vácuo assim criado recebem a abençoada graça do Espírito Santo por eles, nesse pormenor, a glória, a plenitude, a totalidade do plano do evangelho está cumprido. Deram um passo em frente para o Céu, os seus pecados foram antecipadamente a julgamento, e se continuam neste caminho, então quando o julgamento se assentar, para eles, certamente haverá vida eterna para sempre.

Sumário

A promessa de Deus é que se fizermos uma coisa — confessarmos os nossos pecados — Ele fará duas, perdoar e purificar. Isto é dizer que até a confissão ser feita Ele não pode fazer qualquer delas, mas quando isso é feito então Ele fará as duas. Se então não fomos purificados sabemos que também não fomos perdoados. Portanto, a confissão não foi *aceitável* a Deus.

Os princípios da confissão aceitável têm uma implicação tanto na obra do renascimento como na da reforma.

O primeiro passo no processo é a revelação para nós do pecado desconhecido. Esta é a obra do Espírito Santo que nos revela em tempo devido que o verdadeiro problema, o pecado realmente desconhecido, é o que nós somos, e não o que nós fazemos. É essencial que isto seja visto e compreendido.

Depois devemos saber sem sombra de dúvida ou incerteza que a total e completa provisão para perdoar e purificar da própria inclinação para o pecado em si mesma está à nossa disposição no serviço do santuário. Devemos ter a fé para acreditar que o Senhor tirará o espírito mau que está dentro de nós, e dar-nos-á um espírito totalmente novo.

Então, devemos ir ao santuário como os israelitas antigos. Ali devemos confessar não apenas o que fizemos mas também o que somos. Não só o confessamos, mas também verdadeiramente o entregamos para que o Senhor o tome, e literalmente acreditamos que fica na posse d'Ele.

Devemos entregar esse pecado com a mais completa vontade. Se nos agarramos a ele no menor grau, então o Senhor não pode tirá-lo nem o tirará de nós. Se encontramos uma relutância na entrega, então pedimos ao Senhor para nos dar um coração aberto — para nos fazer odiar esse pecado.

Tendo entregue a velha vida e espírito de pecado, então devemos pedir e receber no vácuo a nova vida no lugar da velha, agradecendo a Deus ao fazer isto, *não* porque *vamos* receber a dádiva, mas porque *já* a recebemos.

Segui o vosso caminho sabendo que não mais sois a pessoa que fostes, no que diz respeito a esse assunto, sobre o qual viestes fazer a confissão. A coisa antiga passou e a nova está verdadeiramente colocada no seu lugar.

Tende o propósito decidido na vossa mente que abandonastes esse pecado, de modo que, quando o diabo se encontrar convosco com as suas tentações, podeis recusar e recusareis nem sequer dedicando um leve pensamento de cedência ao pecado.

Mantende a nova vida robusta e constantemente alimentada na palavra e vigiando em oração.

Finalmente, se o diabo vos faz cair sob o poder do seu engano, não vos sentis desencorajados. Ide logo para serdes perdoados e purificados e continuai na marcha para o Céu.

Lembra-vos que todo o pecado tem que ir de antemão a julgamento, e assim estar no santuário e não em nós quando a investigação final for efectuada.

APÊNDICE A

“Pecado” e “oferta pelo pecado” são diferentes traduções da mesma palavra hebraica, *chattath*. As ofertas pelo pecado estavam tão intimamente ligadas com o pecado que é usada a mesma palavra hebraica para indicar ambas as expressões. Quando Oseias diz dos sacerdotes, “Alimentam-se do pecado do Meu povo” *Oseias* 4:8, *chattath* é usado, e pode portanto, correctamente traduzir-se tanto como “pecado” como por “oferta pelo pecado”.

As ofertas pelo pecado são primeiramente mencionadas na Bíblia em relação à consagração de Arão e seus filhos. Ver *Êxodo* 29:14. Há aqueles que acreditam que existiam e eram usadas antes, mas não há registo disso até ao tempo de Moisés. Durante este primeiro período ofertas *queimadas* pareciam ser as únicas ofertas usadas.

As ofertas pelo pecado eram suficientes apenas para pecados por ignorância. “A alma que pecar por ignorância” *Levítico* 4:2, Figueiredo. “Se toda a multidão de Israel pecar por ignorância” versículo 13, Figueiredo. “Se algum do povo da terra pecar por ignorância” versículo 27, Figueiredo. “Se alguma coisa for cometida por ignorância” *Números* 15:24. “Se alguma pessoa pecar por ignorância” versículo 27, Figueiredo — estes são testemunhos relacionados com ofertas pelo pecado. Englobam pecados de erros, falhas ou actos precipitados, dos quais o pecador não se apercebeu na altura, mas que depois se lhes tornaram conhecidos.

As ofertas pelo pecado não cobriam pecados cometidos conscientemente, com conhecimento, deliberadamente ou persistentemente. Quando Israel pecou deliberadamente, como na adoração do bezerro de ouro, e recusou a misericórdia oferecida por Deus, quando Moisés os chamou ao arrependimento, foram prontamente punidos. “E caíram do povo naquele dia uns três mil homens.” *Êxodo* 32:28. Assim aconteceu com o homem que juntava lenha no sábado, apesar do expreso mandamento de Deus. Ver *Números* 15:32-36. Ele foi condenado à morte.

Acerca dos pecados voluntários ou de presunção, a lei diz: “Porém o que cometer algum pecado por soberba seja ele cidadão, ou forasteiro (porque foi rebelde contra o Senhor perecerá no meio do seu povo, pois que desprezou a palavra do Senhor, e tornou vão o Seu preceito: por isso mesmo será exterminado, e levará sobre si a sua iniquidade.” *Números* 30, 31.

Para esta regra geral havia algumas excepções que serão discutidas no capítulo “Ofertas pela Culpa”. Devia também notar-se que apesar de não haver provisão no ritual diário para os pecados conscientes ou voluntários, pecados “à mão alçada”, os serviços do Dia de Expição providenciava para estas transgressões. Isto será considerado mais tarde.

As Várias Ofertas Pelo Pecado

O capítulo quatro de *Levítico* descreve as ofertas pelo pecado sob quatro aspectos. O pecado do sacerdote ungido (versículos 3-12), de todo o povo (versículos 13-21), do príncipe (versículos 22-26), e de um do povo comum (versículos 27-35). Os sacrifícios pedidos não eram os mesmos em todos os casos, nem o sangue era tratado do mesmo modo. Se o sacerdote ungido pecava “conforme o pecado do povo”, ou como se lê na versão *americana revista*, “assim tornando o povo culpado”, tinha que apresentar “um novilho sem defeito ao Senhor como oferta pelo pecado”. *Levítico* 4:3. Se toda a congregação de Israel pecasse por ignorância, tinha também que oferecer “um novilho como oferta pelo pecado, e trazê-lo ao tabernáculo da congregação”. Versículo 14. Se um dos príncipes pecasse devia apresentar “um bode macho sem defeito”. Versículo 23, King James. Se alguém do povo comum pecasse por ignorância, devia apresentar “uma cabra sem defeito”. Versículo 28. No caso de não poder oferecer um bode podia levar uma cordeira. Versículo 32.

Em cada caso o pecador tinha que apresentar uma oferta, colocar a sua mão sobre a cabeça do animal, e matá-lo. Quando toda a congregação pecava, a assembleia providenciava a oferta; e os anciãos colocavam as suas mãos sobre a cabeça do novilho.

A forma de tratar com o sangue havia uma diferença que deve ser notada. Quando o sacerdote ungido pecava e trazia o seu novilho e o matava, o sacerdote devia “molhar o seu dedo no sangue, e daquele sangue espargir sete vezes perante o Senhor, diante do véu do santuário”. Versículo 6. Devia também pôr “daquele sangue sobre as pontas do altar do incenso aromático, perante o Senhor, que está na tenda da congregação; e todo o resto do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação”. Versículo 7.

Quando toda a congregação pecava, dispunha-se do sangue do mesmo modo como quando o sacerdote ungido pecava. Parte dele era levado ao primeiro compartimento do santuário e espargido perante o véu.

As pontas do altar do incenso eram tocadas com o sangue, e o resto derramado na base do altar das ofertas queimadas no pátio exterior. Versículo 18.

Quando um príncipe pecava, o sangue não era levado para dentro do santuário. O relato diz: “Depois o sacerdote com o seu dedo tomará do sangue da expiação, e o porá sobre as pontas do altar do holocausto.” Versículo 25. Neste caso o sangue não era levado para dentro do santuário nem derramado perante o véu. Era colocado nas pontas do altar da oferta queimada no pátio, e o resto do sangue derramado na base do mesmo altar.

Quando alguém do povo comum pecava, dispunha-se o sangue do mesmo modo. Era colocado nas pontas do altar da oferta queimada e o resto derramado à base do altar. Versículos 30, 34.

Em todos os quatro casos a gordura era removida da carcaça e queimada no altar dos holocaustos. Versículos 8-10, 19, 26, 31 e 35. Contudo, a carcaça, era tratada de modo diferente nos diversos casos. Se o sacerdote ungido pecasse “o couro do novilho, e toda a sua carne, com a sua cabeça, e as suas pernas, e as suas entranhas, e o seu esterco, todo aquele novilho levará fora do arraial a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimaré com fogo sobre a lenha; onde se lança a cinza se queimaré”. Versículos 11 e 12. O mesmo era feito com a carcaça do novilho oferecido por toda a congregação. O corpo era levado para o campo para um lugar limpo e ali queimado com madeira no fogo.

Não há instrução no quarto capítulo de *Levítico* acerca do que era feito com o corpo quando um príncipe ou alguém do povo comum pecava. No sexto capítulo de *Levítico*, contudo, “na lei da oferta pelo pecado”, encontra-se mais instrução. “No lugar onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado perante o Senhor; coisa santíssima é. O sacerdote que a oferecer pelo pecado a comerá; no lugar santo se comerá, no pátio da tenda da congregação.” *Levítico* 6:25, 26.

Este testemunho é elucidativo. O sacerdote que oferecia a oferta pelo pecado devia comê-la. Devia comê-la num lugar santo, no pátio da tenda da congregação. O versículo 29 diz: “Todo o varão entre os

sacerdotes a comerá; coisa santíssima é”. O princípio com relação ao dispor das carcaças das ofertas queimadas está testemunhado no versículo 30: “Nenhuma expiação de pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para expiar no santuário, se comerá; no fogo será queimada”. M. L. Andreasen, *The Sanctuary Services*, págs. 130-134.

“O sangue, representando a vida que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimónia, o pecado, transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário. Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação.’ Ambas as cerimónias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.” *O Grande Conflito*, 417.

APÊNDICE B

A lição em relação à confissão aceitável, aprendemos num estudo do serviço diário do santuário terrestre que era realizado no pátio exterior no altar do sacrifício, cujo altar é o tipo da cruz no antítipo. E é aos pés da cruz que nós hoje devemos ir e encontrar Jesus.

Mas não deve ser interpretado que este escritor compreende ou ensina que Cristo hoje ministra este serviço para nós no Lugar Santo do santuário celestial. Ensinar isso, seria remover os pilares e fundamentos principais da grande mensagem do advento, a mensagem do terceiro anjo, que traz à luz a obra de Cristo no Lugar Santíssimo do santuário do Céu.

Nada há mais certo de que em 1844, Cristo completou a Sua obra no Lugar Santo do santuário celestial e quando esse ministério foi finalizado começou a Sua obra no Lugar Santíssimo do santuário celestial. E Ele não deixará o ministério no Lugar Santíssimo até as bodas serem consumadas e a obra finalizada, como se lê em *O Grande Conflito*, 427: “No cerimonial do santuário terrestre, que, conforme vimos, é uma figura do serviço no santuário celestial, quando o sumo sacerdote no dia da expiação entrava no lugar santíssimo, cessava o ministério no primeiro compartimento. Deus ordenara: ‘E nenhum homem estará na tenda da congregação quando ele entrar a fazer propiciação no santuário até que ele saia’. Assim, quando Cristo entrou no lugar santíssimo para efectuar a obra final da expiação terminou o seu ministério no primeiro compartimento. Mas, quando o ministério no primeiro compartimento terminou, iniciou-se o do segundo compartimento. Quando, no cerimonial típico o sumo sacerdote deixava o lugar santo no dia da expiação, entrava perante Deus para apresentar o sangue da oferta pelo pecado, em favor de todos os israelitas que verdadeiramente se arrependeram das suas transgressões. Assim, Cristo apenas completara uma parte da Sua obra como nosso intercessor para iniciar outra, e ainda pleiteia com Seu sangue, perante o Pai, em favor dos pecadores.”

Este testemunho informa-nos claramente que a partir do Lugar Santíssimo Jesus leva a cabo o ministério que estava a efectuar no Lugar Santo. Isso é fazer provisão para a transferência dos nossos pecados para o santuário. Isto não está em conflito com o tipo porque se voltarmos a *Números 29*, vimos que o Senhor torna muito clara a plenitude do serviço diário como realizado nesse dia, o grande dia de expiação. Antes de lermos esses versículos em *Números 29:7-11*, tracemos uma clara distinção que parece não estar clara nas mentes de muitos. E é isto, que o próprio *serviço* do grande dia de expiação final não ocupava todo esse dia mas apenas uma pequena parte dele no fim desse mesmo dia. E mesmo nesse dia, até ao momento em que o serviço começava para todos os vivos em Israel, podiam tirar total proveito dos serviços diários oferecidos nesse dia.

Leiamos sobre os serviços diários em *Números 29:7-11*. “E no dia dez deste sétimo mês tereis santa congregação, e afligireis as vossas almas: nenhuma obra fareis.

“Mas por holocausto, em cheiro suave ao Senhor, oferecereis um bezerro, um carneiro e sete cordeiros de um ano: Ser-vos-ão eles sem mancha.

“E, pela sua oferta de manjares de flor de farinha misturada com azeite, três décimas para o bezerro, duas décimas para o carneiro;

“E uma décima para um cordeiro, para cada um dos sete cordeiros;

“Um bode para expiação do pecado, além da expiação do pecado pelas propiciações, e o holocausto contínuo, e a sua oferta de manjares com as suas libações.”

Tal como esse povo no passado no grande dia de expiação, precisamente até ao momento em que o serviço começava podia vir e ter o seu pecado transferido para o santuário, também exactamente da mesma maneira e em perfeita harmonia com o tipo, nós hoje, precisamente até ao dia da nossa morte

no caso daqueles que morrem, e até ao dia em que os nossos nomes são chamados no julgamento dos vivos no caso daqueles que vivem, podemos enviar os nossos pecados antecipadamente a julgamento de acordo com o procedimento estabelecido no serviço diário do santuário terrestre. Mas o sacerdote hoje não mais ministra no Lugar Santo. Ele ministra no Lugar Santíssimo.

E nós devemos compreender que há esta diferença entre o ministério dos sacerdotes no Lugar Santo e o ministério dos sacerdotes no Lugar Santíssimo e essa diferença é, que uma vez que Israel no serviço diário era diligente em pôr de parte os seus pecados, e chegavam ao décimo dia e mesmo nesse solene dia eram duplamente diligentes — entravam numa obra especial de purificação, de pôr de parte os pecados. Entravam nessa obra com especial intensidade.

Do mesmo modo hoje, enquanto o nosso Sumo-Sacerdote espera no Lugar Santíssimo para completar a Sua obra e nós nos mantemos na corrente de luz que flui para nós desse compartimento, devemos ser mais diligentes, mais zelosos, mais ansiosos e mais rápidos em enviar os nossos pecados de antemão a julgamento, para que quando esse dia chegar, não sejamos pesados e achados em falta.